



**Pesquisa avaliativa do Projeto Vivendo Valores no Jardim
Ângela - aplicação da metodologia do Programa Vivendo
Valores na Educação nas escolas estaduais Prof^a Maria
Peccioli Giannasi e Prof^a Josefina Maria Barbosa e na
Sociedade Santos Mártires - no período de maio de 2010 a
dezembro de 2011.**

Abril/2012



Sumário

1 - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	3
2 - O PROGRAMA VIVENDO VALORES NA EDUCAÇÃO	4
3- A HISTÓRIA DO JARDIM ÂNGELA	10
4- OS PARCEIROS DO PROGRAMA VIVE NO JARDIM ÂNGELA.....	15
A Sociedade Santos Mártires.....	15
A E.E. Professora Maria Peccioli Giannasi.....	16
A E.E. Professora Josefina Maria Barbosa.....	16
5- A IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA VIVENDO VALORES NA EDUCAÇÃO - VIVE NO JARDIM ÂNGELA.....	17
6- OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS NA AVALIAÇÃO	19
7- RESULTADOS ENCONTRADOS	26
8 - A AVALIAÇÃO COMO SUBSÍDIO À APLICAÇÃO DA METODOLOGIA	51
9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
10 –REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
11- CRÉDITOS	70
12 - ANEXOS	71



1 - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Nos primeiros meses de 2010 a equipe do Instituto Vivendo Valores – IVV convidou o Neca para realizar a avaliação da experiência de implantação do Programa Vivendo Valores na Educação - VIVE em algumas instituições da região do Jardim Ângela. Na época, o IVV havia fechado a parceria com a Sociedade Santos Mártires e a parceria prevista com escolas públicas ainda estava para ser definida.

Como o Neca é uma associação de pesquisadores de núcleos de estudos e pesquisas sobre a criança e o adolescente, e tem como missão gerar e difundir conhecimentos e metodologias para o aprimoramento, para a inovação e para a articulação de políticas de intervenção na defesa de direitos da criança, do adolescente, do jovem e de sua família, o convite do Instituto Vivendo Valores foi aceito. A equipe do Neca considerou que a avaliação proposta contribuiria para o objetivo do IVV de identificar as mudanças alcançadas pelo Programa com vistas a sua disseminação e influência em políticas públicas.

No caso da Sociedade Santos Mártires, a metodologia adotada para essa avaliação foi o Outcome Mapping (Mapeamento das Mudanças Alcançadas), desenvolvida pelo International Development Research Center (Centro Internacional de Pesquisa em Desenvolvimento) - IDRC, do Canadá. A avaliação foi realizada durante o período **de maio de 2010 a dezembro de 2011**. Em maio teve início o processo de reflexão conjunta com os educadores sobre as mudanças que seriam esperadas como sinais de progresso no sentido dessas mudanças, em consonância com os propósitos do VIVE. Como resultado dessa reflexão foi construído um instrumental para monitorar o desenvolvimento dessas mudanças, denominado Diário de Mudanças. Em 2011, foram realizadas três aplicações desse instrumental: em abril, em agosto e em dezembro. Entre os meses de outubro e novembro foram realizadas entrevistas coletivas com os educadores, coordenadores e jovens que participaram do Programa.



No caso das escolas estaduais – a prof^a Maria Peccioli Giannasi e a prof^a Josefina Maria Barbosa – foram realizadas no mesmo período entrevistas coletivas com a participação de professores, diretores, coordenadores pedagógicos e alguns familiares.

A avaliação realizada tanto na Sociedade Santos Mártires como nas escolas teria por norte a apreensão das mudanças decorrentes da realização do Programa, expressas pelas crianças e jovens educandos, assim como pelos educadores e professores que o aplicariam.

O presente relatório é resultado desse processo de avaliação e está dividido em oito capítulos. Os três primeiros descrevem o Programa Vivendo Valores, a região do Jardim Ângela e as instituições parceiras. O quarto relata os procedimentos metodológicos da presente avaliação. O quinto descreve os resultados encontrados, tanto a partir do monitoramento realizado pelos educadores da Sociedade Santos Mártires, como da avaliação final, realizada por meio de entrevistas coletivas, com a participação dos diversos sujeitos envolvidos na experiência. Durante a avaliação foram identificadas reflexões importantes desses sujeitos sobre as dificuldades encontradas durante a implantação do Programa, as quais foram reunidas no capítulo oito, como subsídios para o aprimoramento da aplicação da metodologia do Programa. Por fim, foram feitas considerações finais, que retomaram alguns dos principais resultados encontrados, assim como alguns desafios. Essa retomada realizou-se, principalmente, na perspectiva de que os depoimentos daqueles que vivenciaram essa experiência possam contribuir para a construção de uma opção política que considere a importância dos valores na educação de crianças, adolescentes e jovens.

2 - O PROGRAMA VIVENDO VALORES NA EDUCAÇÃO¹

O Programa Vivendo Valores na Educação (VIVE) é desenvolvido no Brasil pelo Instituto Vivendo Valores.

¹A descrição do Programa baseou-se em três publicações: “Guia de Capacitação do Educador”, “Atividades de Vivências de Valores para Crianças de Rua ou em Situação de Risco de 11 a 16 anos” e “Atividades de Vivências de Valores para Crianças de Rua ou em Situação de Risco de 7 a 10 anos”; e em informações disponibilizadas pela equipe do IVV.



O VIVE pratica uma metodologia de educação centrada no desenvolvimento e na preservação de doze valores universais - paz, respeito, cooperação, liberdade, felicidade, honestidade, humildade, amor, responsabilidade, simplicidade, tolerância e união.

O Programa VIVE nasceu da iniciativa da Organização Brahma Kumaris denominada Cooperação Global para um Mundo Melhor. A Brahma Kumaris é uma organização internacional que tem por objetivo a revalorização do ser humano para a construção de um mundo melhor. Foi designada pela ONU como uma organização “Mensageira da Paz”. Possui escolas em cerca de 100 países e tem sede na Índia. Lançada em 1988, a Cooperação Global para um Mundo Melhor propiciou a pessoas ao redor do mundo expressarem suas visões sobre o que tornaria um mundo melhor para todos. Elas sinalizavam para a necessidade de desenvolver valores. Na sequência, a Brahma Kumaris lançou o livro “Vivendo Valores: Um Manual”, que dedicou ao 50º aniversário da ONU, onde enfatizava a importância de vivermos de acordo com valores essenciais universais se desejamos construir um mundo melhor.

A partir daí, um grupo de educadores do mundo todo, representando todos os continentes, encontrou-se em Nova York na sede do UNICEF, em agosto de 1996, e dedicou-se a desenvolver o programa de valores humanos universais VIVE-Vivendo Valores na Educação. Ele foi desenvolvido em consultoria com o Claustro de Educação do UNICEF, em Nova York, e a Brahma Kumaris. É apoiado pela UNESCO e fez parte do movimento global por uma cultura de paz, na Década Internacional para uma Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo.

Sua metodologia oferece uma ampla variedade de técnicas e de atividades experimentais para uso de professores, facilitadores e pais no processo de capacitação de crianças e de jovens adultos.

Além do material básico, formado por cinco livros - três com atividades com valores por faixa de idade (crianças de 3 a 6 anos, estudantes de 7 a 14 anos e jovens), o guia de capacitação de educadores e o guia para grupos de pais - o VIVE dispõe de materiais adicionais específicos para as situações de risco: situação de rua ou risco, atendimento



sócio-educativo e uso de drogas. Através desses materiais, além dos doze valores humanos universais, são trabalhados temas específicos de situações como a violência doméstica, a violência sexual e a morte, de tal maneira que o educando, por um lado, possa se abrir para a educação em valores e, por outro, fique fortalecido para lidar melhor com as situações, através de habilidades emocionais, sociais, adaptativas e de proteção.

O VIVE é um programa centrado no usuário - através de trocas de experiências e de compartilhamento - conduzido com base na postura e na técnica de escuta ativa, sendo, portanto, direcionável para as necessidades específicas de cada grupo de participantes.

Este Programa está sendo implantado em setenta países e em seis mil locais como escolas, creches, clubes da juventude, associação de pais, centros para crianças em situação de rua, centros de saúde e acampamentos de refugiados.

No Brasil já foi implantado em algumas redes de educação, em municípios como Caraguatatuba (SP) e Três Corações (MG). Redes de organizações sociais, como a Rede Nossas Crianças, da Fundação Abrinq, e a Rede Fiadendeira, localizada na zona leste de São Paulo, foram capacitadas pelo Programa VIVE, assim como organizações como a Fundhas- Fundação Helio Augusto de Souza, em São José dos Campos.

Desde abril de 2010 está sendo implantado de forma mais sistemática na Sociedade Santos Mártires e, a partir de outubro do mesmo ano, nas escolas estaduais Profª Maria Peccioli Giannasi e Profª Josefina Maria Barbosa.

O propósito do VIVE é fornecer princípios orientadores e ferramentas para o desenvolvimento integral da pessoa, reconhecendo no indivíduo as dimensões física, intelectual, emocional e espiritual. Tem como metas:

- Ajudar indivíduos a refletir sobre os valores universais e as implicações práticas de expressá-los em relação a si mesmos, aos outros, à comunidade e à sociedade em geral;
- Aprofundar o entendimento, a motivação e a responsabilidade com relação às escolhas pessoais e sociais positivas;



- Inspirar indivíduos para reconhecer seus próprios valores pessoais, sociais, morais e espirituais e conscientizá-los dos métodos práticos para desenvolvê-los e aprofundá-los.
- Estimular e orientar educadores e cuidadores de crianças para compreender a educação como uma forma de desenvolver nelas uma filosofia de vida, facilitando seu crescimento, desenvolvimento e escolhas, de maneira que possam integrar-se à comunidade com respeito, confiança e determinação.

A Metodologia do Programa VIVE

Para que a criança e o adolescente desenvolvam as habilidades e competências esperadas pelo VIVE o Programa considera que o elemento chave é o educador capaz de criar um relacionamento bom, emocionalmente sustentado, com seus educandos. Neste sentido, para o VIVE, a capacitação, inicial e continuada, é um fator crítico para o sucesso da implementação do Programa. Na capacitação oferecida pelo Programa, é desenvolvida a habilidade do professor/educador criar e manter uma atmosfera baseada em valores.

O VIVE oferece também um conjunto de livros da Série Vivendo Valores que orientam para a realização de atividades que variam de 70 a aproximadamente 140, dependendo da faixa etária e da modalidade utilizada, as quais devem ser desenvolvidas, em média, entre duas e três vezes por semana.

As aulas do VIVE frequentemente são iniciadas com uma música cuja letra esteja relacionada ao tema ou ao valor a ser tratado. As canções versam sobre valores de paz, respeito e amor ou são músicas culturais relacionadas à harmonia ou a outros valores. Para esta atividade, os educandos - dependendo da quantidade - podem sentar-se em círculo ou serem agrupados frente ao professor/educador. Em seguida à atividade, é reservado um tempo - chamado “tempo de paz” - para compartilhamento de reflexões, preocupações, considerações e experiências. Nesse momento, o professor pergunta aos educandos como estão se sentindo e se têm algo – uma situação vivida da qual estão orgulhosas – que gostariam de compartilhar: esta situação, tanto a relacionada a preocupações, quanto a experiências vividas, devem ser da escolha dos educandos e serem apoiadas positivamente pelo professor/educador. Nessa atividade as crianças são



estimuladas a explorarem suas próprias qualidades positivas e o professor/educador deve ajudar a gerar soluções para os problemas, envolvendo também os outros educandos.

Além da música e dos momentos de reflexão e compartilhamento, o Programa oferece, no caso das crianças em situação de risco ou rua de 11 a 16 anos, 35 histórias sobre crianças e jovens que se constituem como uma família em situação de rua: Fred, Márcio, Nelson, João, Maria, e Célia. No caso de crianças com idade entre 7 e 10 anos, são oferecidas 32 histórias com os mesmos personagens, em uma faixa etária correspondente ao grupo de educandos. E para 3 a 6 anos, 30 histórias. Nessa atividade, uma história é lida e discutida com as crianças e jovens. É o momento no qual eles podem expressar seus sentimentos sobre morte, violência, abuso e uma variedade de outros assuntos tratados nas histórias. Esses sentimentos também são expressos de forma artística, com o desenvolvimento de desenhos, pinturas, mímicas e encenações.

Ao final de cada atividade são realizados exercícios de relaxamento e concentração, que ajudam os alunos a sentirem o prazer de estarem silenciosos e pacíficos e a aprenderem a sentirem-se plenos, com sentimentos de paz, amor e respeito.

Os resultados esperados pelo Programa

O Programa espera que as crianças e os jovens que participam das atividades do Programa desenvolvam:

- o reconhecimento de que possuem valores e, muitas vezes, não sabem que os têm ou não os expressam, em relação a si mesmos, aos outros, à comunidade e à sociedade em geral;
- o entendimento sobre as implicações práticas de expressá-los;
- a capacidade de fazer escolhas pessoais e sociais positivas, com relação aos valores;
- os seus sentimentos positivos, suas habilidades sociais adaptativas positivas, suas habilidades emocionais e suas habilidades sociais de defesa;
- os comportamentos sociais geradores de paz, respeito e amor;
- as habilidades para a resolução de problemas e conflitos;



- as habilidades sociais de gentileza e cooperação;
- o auto-respeito e um discurso positivo (crianças e jovens passam a reconhecer suas qualidades positivas);
- a atenção para com os irmãos mais novos;
- a capacidade de expressar seus sentimentos (processo de cura) sobre morte, violência, abuso e outros assuntos;
- a maior habilidade de comunicação;
- as ferramentas para se sentirem bem internamente - o que os levará a um maior bem estar mental e emocional.
- as habilidades sociais para a segurança e o desenvolvimento do auto-controle (saber evitar situações de conflito, violência, abuso, uso de drogas e não responder com violência a situações de violência)
- o sentido de comunidade (percepção e envolvimento comunitário).

Para que os educandos alcancem o desenvolvimento esperado, é um pressuposto do Programa que os educadores percebam que as crianças e os adolescentes florescem numa atmosfera baseada em valores, num ambiente seguro, de cuidados e respeito mútuos – onde são considerados capazes de aprender a fazer escolhas sociais conscientes, e que sejam capazes de estabelecer um ambiente seguro e acolhedor que possibilite relacionamentos de confiança. Um dos principais postulados do Vivendo Valores é que quando as crianças se sentem amadas, respeitadas, valorizadas, entendidas e seguras, se movem na direção de seu potencial.

No caso das crianças em situação de rua ou de risco, além dos resultados anteriores, espera-se que as atividades lhes darão ferramentas para expressar sua dor e lidar com ela em ambiente seguro enquanto desenvolvem habilidades sociais e emocionais adaptativas e protetoras que promoverão experiências mais positivas em suas vidas. Com as atividades propostas, o Programa procura desenvolver os recursos pessoais dessas crianças e jovens e aumentar seus fatores de proteção associados à resiliência.

Espera também mudanças positivas no relacionamento educador-educando e educando-educando, tanto dentro, como fora do espaço das atividades. Segundo avaliação realizada pelo Programa VIVE, em nível internacional, suas várias experiências têm resultado em um aumento do respeito, do cuidado, da cooperação, da motivação e da



habilidade de resolver conflitos entre os pares, por parte dos educandos. Também, em relação aos “comportamentos negativos” foi observado que eles declinam à medida que as habilidades sociais e o respeito aumentam.

Com relação às equipes de educadores das escolas e das instituições, o Programa espera o desenvolvimento da capacidade de escuta (Escuta Ativa) - habilidade essencial para a aplicação das atividades do Programa - e a criação de uma atmosfera baseada em valores.

3- A HISTÓRIA DO JARDIM ÂNGELA

Esse bairro é um distrito da cidade de São Paulo, situado na zona sul, às margens da Represa de Guarapiranga. Juntamente com o Jardim São Luís, conforma a região da cidade conhecida como M'Boi Mirim - mesma denominação da subprefeitura da região. Com população superior a 266 mil habitantes sua densidade populacional é cerca de 15.408 habitantes/ha².

Aproximadamente 90% da área do Jardim Ângela é definida como de preservação ambiental por ser região de mananciais. No entanto, é uma área totalmente ocupada por uma população da qual 64% das famílias têm renda abaixo de cinco salários mínimos e é composta de muitos jovens – cerca de 63% de seus habitantes têm idade até 30 anos.

A história de M'Boi Mirim, onde estão situados o Jardim Ângela e o Jardim São Luís está diretamente ligada ao desenvolvimento de Santo Amaro.

M'Boi Mirim, que na língua indígena significa rio das cobras pequenas, teve seu primeiro processo de ocupação em 1607. Nessa época, foram instalados, à beira do rio Pinheiros, próximo à aldeia indígena do M'Boi Mirim, o Engenho de Nossa Senhora da Assunção de Ibirapuera e a primeira extração de minério de ferro da América do Sul.

A experiência com a extração de minério de ferro durou cerca de 20 anos. Depois disso a área da antiga aldeia dos índios guaianases ficou praticamente esquecida por 200 anos, servindo apenas como ponto de passagem para os viajantes em direção ao Embú e à



Itapecerica da Serra. Foi só em 1829 que se deu o segundo processo de ocupação do M'Boi Mirim, com a chegada de um grupo de 129 imigrantes alemães, trazidos por D. Pedro I, para colonizar essas terras. Três anos depois a região de Santo Amaro, que incluía a antiga aldeia do M'Boi Mirim, foi elevada à categoria de município.

Em pouco tempo grande parte da batata, marmelada, farinha de mandioca, milho e carne consumidos em São Paulo e, também, a madeira, a areia e as pedras utilizadas nas construções eram produzidos no novo município. Foi essa ligação comercial que levou à inauguração da primeira ligação de bondes movidos a vapor entre as duas cidades, em 1.886.

No início do século 20, a The São Paulo Tramway, Light & Power decidiu represar o rio Guarapiranga, afluente do rio Pinheiros, para regularizar a vazão do Tietê nos meses de seca. Durante o período de estiagem, as águas do rio Guarapiranga deveriam ser represadas e descarregadas no Rio Pinheiros para, assim, alimentar as turbinas da Usina de Parnaíba. O fato de existir transporte regular nas proximidades colaborou para a escolha do local para a construção da represa do Guarapiranga.

Com a construção da represa, um novo tipo de pessoas passou a ser atraído para essa região. Eram principalmente alemães e italianos que vinham, nos finais de semana, praticar caça, pesca e esportes aquáticos. A área onde hoje fica o Jardim Ângela ficou conhecida como a Riviera Paulista, devido à beleza das margens da represa.

Com a inauguração do Aeroporto de Congonhas, em 1934, o município de Santo Amaro foi extinto por determinação do governo do Estado, e a região foi incorporada ao município de São Paulo.

Por volta da década de 1950, teve início, na região do M'Boi Mirim, um processo de ocupação intenso que começou com o desmembramento em lotes dos antigos sítios e chácaras. No auge do processo industrial, diversas vilas começaram a surgir na zona sul. Eram, na maioria, moradias dos operários que estavam chegando de vários estados e do interior paulista para trabalhar nas fábricas que se instalaram em Santo Amaro. Eles foram chegando lentamente até a grande explosão que aconteceu a partir do fim da



década de 60, quando a ocupação tornou-se desordenada, inclusive em suas áreas de preservação, como na região dos mananciais.

Em setembro de 1974, a região ganhou o Parque Municipal Guarapiranga, com projeto elaborado pelo escritório Burle Marx e Cia. Posteriormente, em 1977, foi inaugurado o Centro Empresarial de São Paulo, localizado no Jardim São Luís.

Em 1996 o Jardim Ângela ganhou as manchetes mundiais, quando foi considerado pela UNESCO, órgão das Nações Unidas, a região urbana mais violenta do mundo. Nessa época, chegou a superar os índices de violência de cidades como Cali, na Colômbia, que atravessava um dos piores períodos da guerra do narcotráfico.

Por outro lado, o Jardim Ângela é considerado historicamente um dos principais focos de movimentos populares da década de 70 em São Paulo (Movimento contra a Carestia, Clubes de Mães, etc.) tendo nos grupos ligados às Comunidades Eclesiais de Base e Pastorais da Igreja Católica a origem de suas organizações comunitárias reivindicativas.

Dando continuidade a essa tradição de movimentos populares, a comunidade se mobilizou para reverter o quadro apontado pela UNESCO. “*Começamos a tomar vergonha*”, declara o padre Jaime Crowe - da paróquia Santos Mártires, um verdadeiro centro de referência para projetos sociais no Jardim Ângela². Através de uma articulação promovida por ele, algumas entidades se reuniram, ainda em 1996, para refletir sobre possíveis propostas de combate às altíssimas taxas de assassinatos. Em agosto desse mesmo ano, foi fundado o Fórum Social pela Defesa da Vida e Superação da Violência - FDV, formado por organizações do Jardim Ângela, do Jardim São Luis e do Capão Redondo.

"Inicialmente, resolver o problema significava construir grades mais fortes e muros mais altos", relata o padre Jaime Crowe, em entrevista concedida na época. Contrapondo-se a essa filosofia, o pároco considera que, antes de se falar de redução da violência, é preciso atentar para suas causas. Segundo ele, a raiz dos conflitos da região

² O pároco irlandês chegou ao Brasil no final de 1969, quando começava a escalada de violência da ditadura militar e foi um dos principais protagonistas de um movimento exemplar de mobilização da comunidade para cobrar melhorias dos serviços públicos como forma de combater a criminalidade.



está na própria história da ocupação do distrito. "A região foi um dos locais onde se estabeleceu a mão-de-obra barata para as fábricas das imediações da marginal do rio Pinheiros", explica. "Com a saída desses empreendimentos da área, o número de desempregados cresceu muito". Com isso, no início da década de 80, surgiu uma onda inicial de violência, marcada pelos confrontos entre a polícia e a população desocupada. Desde então, a escalada de crimes, majoritariamente assassinatos, só piorou, especialmente após o fortalecimento do tráfico de drogas.

A partir dessa perspectiva, as atividades do Fórum Social pela Defesa da Vida e Superação da Violência - FDV começaram com uma Caminhada pela Vida e pela Paz, até o Cemitério São Luís. Dessa Caminhada participaram cinco mil pessoas, protestando contra a violência e a ausência dos serviços públicos na região. Essa Caminhada é hoje um evento que se realiza todos os anos, no Dia de Finados.

Hoje, o Fórum Social pela Defesa da Vida e Superação da Violência agrega mais de 200 entidades e representações da sociedade civil e reúne mensalmente representantes de associações de bairro, diretores de escolas, delegados de polícia e, eventualmente, o sub-prefeito.

Em 2008, o Fórum em Defesa da Vida e Superação da Violência, protocolou uma ação civil pública contra a Prefeitura da cidade de São Paulo por falta de equipamentos no Jardim Ângela nas áreas de cultura, esportes, educação e trabalho. Antes de propor a ação, as lideranças do Fórum fizeram um levantamento das carências de serviços públicos no Jardim Ângela.

O passo seguinte foi realizar um Tribunal Popular - com o apoio de membros do Ministério Público estadual, de representantes do Tribunal de Justiça, da população e da Prefeitura - para formalizar as reivindicações da comunidade ao poder público. Nesse Tribunal Popular foram encenados julgamentos, onde os diversos níveis de governo eram os réus, culpados pelo abandono da região.

Essas ações da comunidade em conjunto com o Estado destinaram-se a reverter o problema da violência, tendo conseguido uma drástica redução nos índices de



criminalidade da região. Entre as explicações para essa redução estão, certamente, os maiores investimentos públicos em serviços básicos e um policiamento mais preparado e consciente. Mas, sem dúvida, a maior contribuição está no poder de mobilização da própria comunidade, que conquistou investimentos públicos e ampliação do policiamento comunitário, fazendo cair os índices de criminalidade. Essas ações de mobilização da sociedade desenvolvidas pela agremiação são apontadas hoje como as grandes responsáveis pela queda da violência na região.

A união de esforços de diferentes setores da comunidade resultou em um diagnóstico das causas da violência. Em 2001, foi constatado que a perversa conjunção de exclusão social e miséria nas 272 favelas servira de caldo de cultura ideal para o tráfico de drogas, responsabilizado pelo índice de 80% dos 277 assassinatos por 100 mil habitantes - número recorde registrado no lugar. Como resultado desse estudo, foi implantada na região, em parceria com a Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, uma Unidade Comunitária de Álcool e Drogas (Ucad) para auxiliar no tratamento e prevenção de dependência química. Este fato e a construção de mais três bases de policiamento comunitário, de um acordo entre a PM e o Ministério Público obrigando os bares a fecharem mais cedo, a realização de programas de renda mínima, de reformas de praças e a criação de áreas de lazer em locais antes abandonados, viabilizaram muito a redução desses índices - em 2004, essa redução chegou a 61 assassinatos por 100 mil habitantes e continuou nos anos seguintes, como pode ser verificado em entrevista concedida por Ana Silvia Puppim, do Fórum em Defesa da Vida do Jardim Ângela (FDV): *"Em 2001 tivemos mais de 200 homicídios para cada 100 mil habitantes. Em 2007 o número de mortes caiu para 20, sobre o mesmo contingente"*³.

Nesse sentido, apesar das taxas de homicídios no Jardim Ângela permanecerem altas, as iniciativas originadas no Fórum mostraram que a mobilização comunitária foi responsável por uma considerável evolução positiva do quadro.

³ Um levantamento da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), entre 2000 e 2004, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes caiu mais de 45%, de 118,31 para 64,5. Em 2006, deixou de ser o primeiro para ser o quarto distrito mais violento da capital: acima do Jardim Ângela estavam Brás, Grajaú e Parelheiros.



4- OS PARCEIROS DO PROGRAMA VIVE NO JARDIM ÂNGELA

A Sociedade Santos Mártires⁴

A Sociedade Santos Mártires, fundada em 1988, é uma associação civil sem fins lucrativos, certificada como de utilidade pública municipal, estadual e federal. Está localizada no Distrito do Jardim Ângela, tendo como principal objetivo a promoção da dignidade humana dos seus moradores, participando ativamente, junto com outras organizações, de ações que visam o desenvolvimento sustentável da região.

O âmbito de atenção da Sociedade abrange, além da comunidade do Jardim Ângela, outros bairros vizinhos, através de 29 serviços, realizando aproximadamente 10.000 atendimentos diretos e 30.000 atendimentos indiretos por mês.

A organização participa ativamente de diversos fóruns: Fórum em Defesa da Vida, Fórum Regional de Assistência Social, Fórum da Educação, Fórum da Criança e do Adolescente, Rede Nossas Crianças, Fórum da Inclusão, Fórum de Mulheres, Fórum do Álcool e Drogas, Movimentos de Moradia, Fórum MOVA, Movimento Nossa São Paulo, São Paulo Sustentável e outros.

Além de promover cursos de formação para os moradores da região - panificação, manutenção de computadores, cabeleireiro, pizzaiolo, informática e inglês - desenvolve diversos programas nas áreas de educação, de promoção de direitos e do meio ambiente.

Na área de educação desenvolve ações voltadas a crianças pequenas, por meio dos Centros de Educação Infantil “Luar do Sertão”, “Santa Ana”, “Fujihara” e “Santos Dias”. Para atender aos adultos analfabetos da região participa do Mova/SP.

⁴ Informações coletadas no site da Sociedade Santos Mártires



Para as crianças acima de seis anos, adolescentes e jovens da região oferece os seguintes serviços, em horário complementar à escola:

Centro para Criança e Adolescente Alto da Riviera

Centro para Criança e Adolescente Nossa Senhora de Fátima

Centro para Criança e Adolescente Riviera

Centro para Criança e Adolescente São José Operário

Centro para Criança e Adolescente São José Nakamura

Centro para Criança e Adolescente Herculano

Centro da Juventude Riviera

Centro da Juventude Raniere

Centro da Juventude Kagohara

O Programa Vivendo Valores está sendo desenvolvido em três centros para criança e adolescente, o Nossa Senhora de Fátima, o São José Nakamura e o Riviera, e em três centros da juventude, o Riviera, o Raniere e o Kagohara.

A E.E. Professora Maria Peccioli Giannasi

A escola pertence à rede estadual de educação e está localizada no Jardim Rosa Maria, próximo a Sociedade Santos Mártires - Jardim Ângela. Fundada em 06/11/1963, atende um total de 1750 estudantes (Ciclo I e II, que compreende do 1º ao 9º ano, e Ensino Médio), tem 139 profissionais no quadro, sendo 99 professores, e, atende das 7h às 23h. O Programa Vivendo Valores foi implantado, de forma mais sistemática, nos ciclos I e II.

A E.E. Professora Josefina Maria Barbosa

A escola pertence à rede estadual de educação, está localizada no Jardim Alto da Riviera, próximo a um dos equipamentos da Sociedade Santos Mártires, e foi fundada em 11/02/1977. Atende 790 alunos no Ciclo I, que compreende os primeiros cinco anos do Ensino Fundamental. Conta com 42 professores e funciona das 7 às 18h. O Programa Vivendo Valores na Educação foi implantado em todos os anos do Ciclo I.



5- A IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA VIVENDO VALORES NA EDUCAÇÃO - VIVE NO JARDIM ÂNGELA

A equipe do Instituto Vivendo Valores - IVV estabeleceu contato com a coordenação da Sociedade Santos Mártires em 2009, com a proposta de implantar um projeto na instituição que teria como objetivo desenvolver o Programa Vivendo Valores na Educação em alguns de seus serviços educativos. Inicialmente o VIVE seria desenvolvido no Programa Redescobrimo o Adolescente na Comunidade - RAC⁵, nos Centros para Criança e Adolescente e nos Centros da Juventude.

A partir da manifestação de interesse daquela instituição, foi elaborado um projeto, com a duração de dois anos (2010 e 2011), para a implantação do VIVE na Sociedade Santos Mártires. Nesse mesmo projeto foi prevista também a implantação do Programa em três escolas públicas da região. Este projeto foi encaminhado ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA, do município de São Paulo, e aprovado no final de 2009. Na mesma época, o IVV também apresentou um projeto de avaliação da experiência para a Fundação Itaú Social, o qual obteve sua aprovação no mesmo período.

No início de 2010, paralelamente à captação de recursos via Fumcad, foram iniciadas as primeiras atividades do Projeto na Sociedade Santos Mártires e estabelecidos os primeiros contatos com as escolas da região, foi acertada também a contratação do Neca para a avaliação da experiência.

A capacitação dos educadores dos Centros para Criança e da Juventude e do programa RAC já havia sido realizada no final do segundo semestre de 2009. Esses educadores participaram de uma capacitação promovida pelo IVV com duração de 48 horas que contou com a participação de 40 educadores.

⁵ O Programa Redescobrimo o Adolescente na Comunidade opera o acompanhamento de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em meio aberto – liberdade assistida e prestação de serviços à comunidade.



Entre os meses de março e abril de 2010 tiveram início as atividades de formação de crianças e jovens do VIVE nos Centros para Criança e Adolescente (de idades de 6 a 14 anos) e da Juventude (de idade de 15 a 24 anos), porém, o ritmo e a participação dos educadores ocorreram de forma diversa, uma vez que em cada centro encontrou-se um contexto diferenciado. Nesta época, a coordenação do RAC avaliou que ainda não existiam as condições suficientes para dar início às atividades.

Paralelamente a esse processo, o IVV desenvolveu contatos com algumas escolas da região para implementar o Programa VIVE, porém só em junho de 2010 foi possível estabelecer parceria com a Diretoria de Ensino da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo da região do Jardim Ângela. A Diretoria de Ensino convidou as direções das escolas da região para participarem de uma apresentação do Programa. Doze escolas manifestaram interesse pelo Programa e três foram selecionadas: a Josefina Maria Barbosa, a Maria Peccioli Giannasi e a Jardim Esperança. A capacitação das equipes dessas escolas foi realizada entre os meses de julho e agosto, com uma carga horária de 30 horas.

As atividades do VIVE nas salas de aula das escolas Josefina Maria e Maria Peccioli tiveram início em outubro de 2010. Na Escola Maria Peccioli essas atividades foram iniciadas somente no ensino fundamental porque a coordenação do ensino médio avaliou que os professores ainda não estavam suficientemente sensibilizados. A escola Jardim Esperança encontrou diversas dificuldades e não conseguiu ter as condições mínimas necessárias para a implantação do Programa.

No início de 2011, ainda sem o apoio financeiro do Fumcad, as atividades do VIVE tiveram continuidade nos Centros para Criança e Adolescente e nos Centros da Juventude da Sociedade Santos Mártires e nas escolas Maria Peccioli e Josefina Maria.

O planejamento inicial do Projeto previa a realização de acompanhamento e formação continuada aos professores e educadores que estavam desenvolvendo as lições do VIVE. O cronograma previa visitas semanais de acompanhamento individualizado e encontros de acompanhamento com formação continuada a cada dois meses, os quais as instituições puderam atender apenas parcialmente, devido às condições encontradas.



O repasse do Fumcad ocorreu em junho de 2011, quando foi possível implementar as ações previstas na proposta original, com a compra de um maior número de livros para as escolas e para a Sociedade Santos Mártires e a contratação, em julho, de dois profissionais para apoio e acompanhamento da execução do Programa. Com esse repasse, a previsão é que o Programa seja desenvolvido até junho de 2013.

Em agosto de 2011 foi possível implantar o Programa VIVE também no RAC e nos Centros de Educação Infantil da Sociedade Santos Mártires⁶.

6- OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS NA AVALIAÇÃO

As ações de avaliação do Programa VIVE realizadas pelo NECA ocorreram em dois momentos: 1) no período de sua implantação - entre maio de 2010 e dezembro de 2011 - quando foram definidos compartilhadamente os procedimentos e os referenciais de avaliação, ou seja, o processo da avaliação; e 2) ao final do período previsto para sua implantação, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2011- considerada a avaliação final. No primeiro momento participou apenas a equipe da Sociedade Santos Mártires e no segundo, esta e mais as duas escolas estaduais. Em ambos os momentos a avaliação teve por norte a apreensão das mudanças decorrentes da realização do Programa, expressas pelas crianças e jovens educandos, assim como pelos educadores e professores que o aplicaram e pelas próprias instituições participantes.

Para a avaliação realizada na Sociedade Santos Mártires, o Neca optou por utilizar uma metodologia desenvolvida pelo International Development Research Center (Centro Internacional de Pesquisa em Desenvolvimento) - IDRC denominada Outcome Mapping (Mapeamento das Mudanças Alcançadas). Essa metodologia detecta indicadores de melhoria humana, social e ambiental, situações para as quais o Programa Vivendo Valores propõe-se a contribuir, tendo como um dos seus principais objetivos o

⁶ Em razão dessa implantação ter ocorrido só em agosto de 2011, esses programas não foram incluídos na presente pesquisa avaliativa.



desenvolvimento integral da pessoa, em suas dimensões física, intelectual, emocional e espiritual.

A razão da opção por essa metodologia foi o fato da mesma permitir, como bem afirmam seus criadores - Sarah Earl; Fred Carden; Terry Smutylo - o monitoramento e a avaliação das mudanças alcançadas por um determinado programa, focalizando as pessoas e os grupos com os quais o mesmo trabalha diretamente, detectando um tipo de resultado específico: as mudanças de comportamento, de relacionamento e de ações. Essa metodologia permite também que a equipe do Programa se aproprie de uma forma de avaliação e faça uso dos seus resultados – o que é uma ferramenta a mais de conscientização, que auxilia na formação de consensos e possibilita o empoderamento da equipe institucional.

O processo da avaliação

Em maio de 2010, concomitantemente com o início da implantação do Programa Vivendo Valores na Educação na Sociedade Santos Mártires, e de acordo com a metodologia do Outcome Mapping, a equipe do Neca iniciou um processo de reflexão conjunta com os educadores sobre as mudanças esperadas em consonância com os propósitos do VIVE. Essas reflexões ocorreram em quatro oficinas, com quatro horas de duração cada, com a participação de 12 educadores da instituição.

Seus objetivos foram, por um lado, apreender as mudanças esperadas pelos educadores e identificar quais seriam os sinais de progresso no sentido dessas mudanças, para cada grupo de sujeitos participantes do Programa Vivendo Valores na Educação⁷ - identificados na metodologia como parceiros próximos - e, por outro lado, a construção de um instrumental que possibilitasse ao Programa monitorar o desenvolvimento dessas mudanças, o qual, na metodologia, é denominado Diário de Mudanças⁸.

⁷ Crianças com idade entre 6 e 11 anos, adolescentes entre 12 e 14 anos, jovens entre 15 e 24 anos e os próprios educadores

⁸ O Outcome Mapping permite o monitoramento de três áreas: as mudanças de comportamento dos sujeitos envolvidos, denominados de parceiros próximos; as estratégias do programa; e o funcionamento do programa como uma unidade organizacional. Em função da avaliação solicitada pelo IVV, o Neca utilizou apenas as estratégias da metodologia voltadas ao monitoramento das mudanças de comportamento. Para cada uma dessas áreas é proposto um instrumental próprio: um Diário de Mudanças Alcançadas, um Diário de Estratégias e um Diário de Desempenho.



Tendo por orientação, nesse processo avaliativo, a compreensão de que as mudanças a serem alcançadas são resultantes de processos complexos, que envolvem relacionamentos ocorridos em sistemas abertos, sofrendo a influência da história e da cultura de cada território – apreendido como único e portador de seus próprios desafios - os trabalhos das oficinas iniciaram com uma reflexão realizada pelos educadores sobre a história e a cultura do Jardim Ângela e da Sociedade Santos Mártires.

Neste momento inicial do processo avaliativo os educadores questionaram sobre como se avaliaria o desenvolvimento das crianças e dos jovens a partir do Programa VIVE, considerando que essas crianças e jovens não estariam expostas apenas às atividades do VIVE, uma vez que, segundo esses educadores, a própria Sociedade Santos Mártires, por sua trajetória, já trabalha com alguns dos valores focados pelo Programa, como paz, cooperação e solidariedade.

Nesse mesmo sentido, Maria Ozanira da Silva e Silva (2001) afirma que, um sistema aberto não permite o controle de todas as variáveis possíveis, não se pode, portanto, afirmar categoricamente que um determinado efeito (impacto) decorre exatamente da implementação de um determinado Programa. De fato, segundo Earl, Carden e Smutylo, o impacto em um contexto, muitas vezes é produto de uma confluência de acontecimentos sobre os quais nenhuma organização tem controle ou pode, realisticamente, reivindicar crédito total.

Tendo como referência as reflexões trazidas pelos educadores, foram discutidas as mudanças que deveriam ser alcançadas como sinais de progresso em relação ao marco inicial estabelecido, a serem identificados nos comportamentos e nas ações dos participantes do Programa. A expectativa seria de que esses sinais se explicitariam de forma gradual e progressiva: desde o “mínimo esperado” como resposta inicial às atividades básicas do programa, passando para o que se “gostaria de ver acontecendo”, e por último, para o que se “adoraria vê-los fazendo” se o programa estivesse mesmo tendo uma influência profunda.



A identificação desses sinais de progresso para cada uma das mudanças pretendidas foi realizada, considerando que essas mudanças são complexas, não lineares, contraditórias e influenciáveis. Segundo a metodologia do Outcome Mapping, são complexas porque expressam unidades resultantes da diversidade de confluências de fatos e de sujeitos; são não lineares, por se apresentarem de forma diversificada, inesperada, emergente, descontínua e cumulativa; são contraditórias por polarizarem suas expressões que, em lugar de se excluírem, superpõem-se mutuamente; são influenciáveis porque, ainda que sejam independentes de controle, são sujeitas a múltiplas influências.

Ao tematizar as mudanças pretendidas no desenvolvimento das crianças, os educadores refletiram sobre quais os resultados esperados a longo prazo: *“O programa pretende que as crianças entendam a diferença que se coloca na relação com o outro e que busquem a solução ou a superação por meio da palavra e do diálogo. Que as crianças cuidem melhor do ambiente, percebendo que as pessoas e os animais são seres que sentem, e que o ambiente precisa ser preservado. Percebam o outro nas suas necessidades, seus sentimentos e no seu jeito de ver as coisas. Relacionem-se com o outro sem desqualificá-lo e sem identificá-lo com algo ou alguém de menor valor, estabelecendo uma relação de igualdade, reconhecendo o direito do outro de ser respeitado e valorizado. Reconheçam a importância do cuidado que as pessoas têm umas com as outras. Se comportem de acordo com os diferentes espaços e situações tendo como parâmetro o respeito pelo outro. Se sintam valorizados, percebendo suas características, qualidades, seu potencial e aquilo que fazem bem. Se sintam parte do grupo.”*

Na busca dessa mudança mais profunda, em termos de processo, os educadores consideraram que, em um primeiro momento, a expectativa deve ser que *as crianças aumentem sua concentração nas aulas; passem a ouvir os colegas; se apropriem das atividades do VIVE; demonstrem atitudes de respeito e polidez para com os demais colegas e com seu educador; passem a valorizar seus trabalhos, reconhecendo suas potencialidades e capacidades; passem a colaborar e cooperar com os demais colegas; e, consigam expressar afeto de forma mais livre.* Os educadores também avaliaram que *gostariam de ver as crianças se sentirem pertencentes ao grupo, diferenciando a realidade da fantasia, falando mais profundamente de si próprias, percebendo o que se*



espera delas, organizando o ambiente depois de usá-lo, e diminuindo - e, mesmo, abandonando - os xingamentos e apelidos depreciativos. Por fim, como resultado máximo esperado, os educadores adorariam ver as crianças valorizando e reconhecendo o outro em suas diferenças sem desqualificá-lo e respeitando o meio ambiente, reconhecendo que todos os seres precisam ser cuidados.

As expectativas de desenvolvimento da criança identificadas pelos educadores foram transformadas em dezesseis indicadores, inseridos no Diário de Mudanças.

Os educadores definiram também as mudanças esperadas para os adolescentes e para os jovens, expressas nas declarações elaboradas durante as oficinas:

“O Programa pretende que os adolescentes possam demonstrar atitudes que contribuam para estabelecer um ambiente de tolerância e paz interior, que percebam a liberdade como uma escolha de responsabilidade em relação ao outro. Que valorizem o ser humano em suas relações afetivas, promovendo respeito independente de situação social, raça, credo e opção sexual. Que os adolescentes possam conviver harmoniosamente suas relações de amizade na comunidade e que a honestidade seja sólida na vida dos mesmos.”

“O Programa pretende ver os jovens com a auto-estima elevada e com auto-reflexão para a construção da sua personalidade, expressando-se de forma livre, entendendo e respeitando a diferença do outro. Jovens gentis e educados que saibam lidar de forma respeitosa na busca de companheiros (as) sem banalizar a sexualidade.”

Com relação a essas mudanças esperadas, os educadores definiram como os primeiros sinais de progresso do jovem *a presença e a participação nas atividades, o respeito pela atividade do VIVE, o sentimento de auto-valorização e o respeito pela fala dos outros colegas*. Em seguida, definiram que *gostariam de ver os jovens relacionando-se com todo o grupo, da mesma forma e sem discriminação, demonstrando maior solidariedade fora do seu circuito de amizade, com maior interesse pelas atividades e percebendo e desenvolvendo atitudes colaborativas*. Por fim, *adorariam ver os jovens*



reconhecendo que podem fazer a diferença através de pequenas ações para a transformação e construção de um mundo melhor.

Os sinais de progresso construídos pelos educadores, demonstrando a expectativa de que os comportamentos dos jovens pudessem ser modificados com o desenvolvimento das atividades do VIVE, deram origem a um total de 10 indicadores que passaram a compor o Diário de Mudanças.

O produto final dessas oficinas foi a elaboração de Diários de Mudanças, com todos os indicadores (sinais de progresso) construídos para documentar o acompanhamento das crianças, dos adolescentes e dos jovens que participavam das atividades do Programa VIVE.

Na época foi produzido um relatório com a descrição das oficinas realizadas (Anexo I).

Os Diários de Mudança foram aplicados como teste no final de 2010 e ajustados de forma a atender às dúvidas e considerações apontadas pelos educadores (Anexo II). Em 2011, para o monitoramento das mudanças esperadas, foram realizadas três aplicações desse instrumental: em abril (que serviu como um parâmetro inicial para uma análise comparativa), em agosto e em dezembro.

Esse processo de monitoramento teve início com um universo de 367 crianças e jovens que participavam do Programa, porém, no decorrer do ano, com a saída principalmente de jovens da instituição - em função da periodicidade semestral dos cursos oferecidos⁹ - esse universo passou, no final de 2011, a ser composto por 153 crianças e jovens. Em função disso, para verificar o alcance das mudanças esperadas optou-se por analisar os resultados de forma relativa: estabelecendo o seu percentual de incidência com relação ao universo de cada grupo da população estudada em cada aplicação.

⁹ Segundo a avaliação dos educadores da SSM, é muito comum que os jovens, ao finalizar um curso, saiam em busca de emprego.



A avaliação final

Para a avaliação realizada no final do período previsto para a implantação do Programa (2010 e 2011) foram utilizadas – como ponto de partida - as informações e os dados coletados durante a construção participativa do processo avaliativo.

Para sensibilizar e envolver as equipes das instituições escolares na avaliação proposta foram realizados encontros com essas equipes antes do início da avaliação final para a apresentação do Neca e da metodologia de avaliação. Diferentemente da Sociedade Santos Mártires, que já vinha trabalhando com o Neca desde o início da implantação do Programa e da preparação participativa do processo de avaliação, as equipes das escolas não conheciam o Neca.

A avaliação propriamente dita teve por base entrevistas coletivas realizadas com os diversos grupos de sujeitos que participaram do Programa neste período: coordenadores da Sociedade Santos Mártires, diretores das escolas, coordenadores pedagógicos, educadores, professores, familiares dos educandos das escolas e jovens atendidos pela Sociedade Santos Mártires.

Essas entrevistas tiveram como objetivo apreender como esses sujeitos percebiam as possíveis mudanças ocorridas em si mesmos e nos demais participantes do Programa. Para cada grupo de sujeitos foi elaborado um roteiro de questões (Anexo III) as quais nortearam o desenvolvimento das entrevistas.

Quando essas entrevistas ocorreram – novembro de 2011 - o Programa VIVE vinha sendo desenvolvido na Sociedade Santos Mártires há um ano e seis meses e nas escolas há um ano. Por essa ocasião, foi realizada também uma entrevista com dois coordenadores e duas formadoras do Instituto Vivendo Valores - essa entrevista teve como principal objetivo identificar as expectativas da equipe do Instituto com relação às mudanças esperadas naqueles espaços específicos a partir da aplicação da metodologia. Ao todo foram entrevistados quarenta e nove sujeitos.

Na Sociedade Santos Mártires foram entrevistados nove educadores, três coordenadores e cinco jovens educandos. Tentou-se, por duas vezes, realizar entrevista com alguns



familiares, mas aqueles que foram convidados não compareceram nas datas previstas. A avaliação da equipe da instituição é de que os pais têm dificuldades para disponibilizar horário em razão de suas jornadas de trabalho.

Na escola Peccioli, foram entrevistados oito professores, a diretora e três coordenadoras pedagógicas – do Ensino Fundamental I, do Fundamental II e do Ensino Médio - e três mães.

Na escola Josefina, foram entrevistados nove professores, a diretora, a coordenadora pedagógica e uma mãe.

Os critérios para a indicação dos professores e dos educadores para participação nas entrevistas foram: o maior tempo de aplicação do VIVE e o interesse em participar.

7- RESULTADOS ENCONTRADOS

O processo de apreensão das mudanças alcançadas pelo VIVE junto à população infantil, adolescente e jovem ocorreu em dois momentos: a partir da análise dos dados coletados com a aplicação dos diários de mudança durante o processo de implantação do Programa e a partir da análise dos depoimentos coletados com a realização das entrevistas coletivas. Esses depoimentos também foram utilizados para a análise das mudanças identificadas nos educadores e professores.

Para a apresentação dos resultados encontrados optamos por iniciar pela análise das mudanças verificadas durante o processo de implantação do Programa, a partir dos dados coletados com a aplicação dos Diários de Mudança. Neste relatório, em seguida à análise dos Diários de Mudanças, serão apresentadas os resultados identificados pelos sujeitos participantes do Programa – jovens, diretores, coordenadores e educadores, em entrevistas coletivas realizadas no processo de avaliação.

7.1. As mudanças verificadas durante o processo de implantação do Programa

Os Diários de Mudança, com os indicadores de progresso elaborados pelos educadores nas oficinas realizadas em 2010, conforme já relatado, foram preenchidos no decorrer



do ano de 2011 em três momentos, em abril, agosto e dezembro. Cada grupo teve por suporte um Diário de Mudanças próprio. Os dados coletados a partir da aplicação do Diário para cada criança e jovem foram tabulados e transformados em percentuais distribuídos em tabelas, de acordo com o período de sua aplicação. Os percentuais encontrados para cada sinal de progresso, em cada período de aplicação, nos possibilitou uma análise do desenvolvimento da criança e do jovem durante o ano de 2011.

O desenvolvimento das crianças

Os dados contidos nos Diários de Mudanças por ocasião da primeira coleta eram referentes a 176 crianças. Na segunda, foram 150 as crianças referenciadas e, na última, 106 crianças. A diferença com relação ao número de crianças observadas entre a primeira e segunda coleta deu-se principalmente pela saída de algumas delas da instituição, as quais não foram substituídas na pesquisa pelas crianças recém-chegadas. O número menor de crianças na terceira coleta deu-se principalmente porque o educador de uma das turmas foi transferido para outro equipamento da instituição, razão pela qual não foi realizada a terceira coleta de informações referentes a essa turma.

Na primeira aplicação chamou atenção a alta porcentagem de crianças que já apresentavam os comportamentos esperados pelos educadores – uma média de 84% - diferentemente dos percentuais identificados com relação aos jovens, como veremos a seguir. Segundo alguns educadores, parte dessas crianças já haviam participado das atividades do Vive em 2010, o que explicaria esses comportamentos “mais positivos”. Avaliou-se também que possivelmente os educadores elaboraram os indicadores tendo como referência as crianças que não apresentavam os comportamentos esperados, mesmo sendo uma minoria.

De uma forma mais sucinta, os resultados encontrados, com a aplicação dos Diários de Mudança nos três períodos, foram:

Sinais de progresso		Abr/2011	Ago/2011	Dez/2011
Espera Ver	Atenção e Participação	81%	74%	84%
	Ouvir mais os demais colegas	82%	82%	88%
	Aprender as atividades do Vive	89%	85%	96%
	Demonstrar atitudes de respeito e polidez	86%	80%	92%
	Valorizar o que está fazendo, apropriando-se de seu potencial	83%	83%	92%
	Colaborar e cooperar com os demais colegas	81%	76%	86%
	Demonstrar afeto	78%	83%	89%
Gostaria de Ver	Se sentir pertencente ao grupo	93%	83%	90%
	Diferenciar realidade de fantasia (mentira)	91%	79%	88%
	Concentração	81%	75%	83%
	Falar mais profundamente de si mesmo	57%	64%	61%
	Perceber o que se espera deles	85%	82%	86%
	Organizar o ambiente depois de usá-lo	75%	87%	93%
	Diminuir/abandonar xingamentos e apelidos depreciativos	94%	87%	93%
Adoraria Ver	Valorizar e reconhecer o outro sem desqualificá-lo	92%	88%	96%
	Respeitar o meio ambiente, percebendo que todos os seres merecem cuidado	95%	89%	95%

Analisando a tabela acima, percebe-se que a grande maioria dos percentuais cai em agosto e volta a aumentar em dezembro de 2011. Um exemplo nesse sentido é a atenção e participação das crianças durante as aulas do VIVE. Em abril 81% das crianças demonstravam atenção e participavam das atividades, caindo para 74% em agosto e passando para 84% em dezembro. Os educadores explicaram que em agosto - e também no início de cada ano - com a volta das férias e a entrada de novas crianças, elas tendem a ficar mais dispersivas e, em alguns casos, mais “rebeldes”.

Durantes as reuniões realizadas, a partir dos resultados encontrados, com os educadores e com a participação da equipe do VIVE, foram discutidas determinadas estratégias e lições da metodologia que poderiam ser utilizadas nesses momentos para enfrentar essa situação – configurando as possibilidades de retro-alimentação contidas em uma



avaliação. Essa discussão reforçou também a importância do monitoramento como uma forma de melhoria do desempenho do Programa ainda durante a sua execução, com a identificação de problemas e dificuldades e a definição de estratégias adequadas de enfrentamento.

Convém assinalar ainda que, conforme já apontado anteriormente, a variação no comportamento das crianças, verificada na Sociedade Santos Mártires, confirma o entendimento de que as mudanças são complexas, não lineares, contraditórias e influenciadas por situações de contexto.

Comparando os índices obtidos entre agosto e dezembro – entre a segunda e a terceira coleta - com um espaço de tempo de apenas quatro meses, foram constatadas médias de variação percentual que ampliaram de 77% para 88% - o que indica um avanço bastante positivo nos comportamentos das crianças no que diz respeito às mudanças esperadas, apesar da influência do contexto em que essas crianças estão inseridas.

O resultado identificado que mais preocupa e se distancia da média refere-se à capacidade da criança falar de si própria, desenvolvendo maior habilidade de expressão - um dos resultados essenciais esperado pelo Programa VIVE. Em agosto, apenas 57% das crianças apresentavam essa capacidade o que em dezembro ampliou-se para 61%. É importante assinalar, face a esses resultados, sua coerência com o que a própria metodologia indica: essa mudança, pela sua profundidade e complexidade, pode exigir uma participação maior da criança no Programa. Na época - dezembro de 2011 – já haviam sido aplicadas a maioria das lições previstas para essa faixa etária. Por outro lado, do ponto de vista da identificação dos sinais de progresso, em conformidade com o Outcome Mapping, este é um indicador que deveria ficar no nível que representa maior complexidade, que é o que se “adoraria ver”.

Outros índices apontam que as crianças passaram a ouvir e a colaborar mais com os demais colegas, se envolveram e participaram mais das atividades do VIVE, passaram a demonstrar atitudes de respeito e polidez e a organizar o ambiente depois de usá-lo. Vários depoimentos coletados durante as entrevistas apontam essa mudanças.



No que se refere ao sentimento de pertencimento assim como às mentiras e aos xingamentos, em dezembro os índices encontrados melhoraram com relação aos de agosto, embora expressassem o mesmo patamar de abril – época da primeira coleta. Mais uma vez verifica-se que o processo de mudança não é linear e que se fazem necessários investimentos e cuidados constantes do educador. O próprio Programa Vivendo Valores tem essa compreensão e defende a incorporação das estratégias e das lições do VIVE no currículo e no cotidiano das instituições parceiras para garantir a continuidade e o aprofundamento do processo educativo.

O desenvolvimento dos adolescentes e dos jovens

O quadro abaixo apresenta os resultados identificados com relação ao desenvolvimento dos jovens, e foram obtidos com a aplicação dos Diários de Mudança para cada um dos sinais de progresso previstos:

Sinais de progresso		Abr/2011	Ago/2011	Dez/2011
Espera Ver	Ter maior presença nas atividades desenvolvidas	53%	80%	73%
	Ter maior participação nas atividades desenvolvidas	60%	69%	92%
	Ter maior respeito pela atividade preparada pelo educador	79%	85%	89%
	Sentir-se valorizado e importante	60%	78%	89%
	Passar a respeitar a fala do outro, sem desqualificar a sua forma de expressão	63%	85%	92%
Gostaria de Ver	Relacionar-se com todo o grupo da mesma forma, sem discriminação	33%	71%	92%
	Demonstrar maior solidariedade fora do seu circuito de amizade	30%	69%	86%
	Desenvolver maior interesse pelas atividades	35%	64%	89%
	Perceber a importância da cooperação	25%	60%	89%
Adoraria Ver	Reconhecer que pode fazer a diferença através de pequenas ações para a transformação e construção de um mundo melhor	17%	44%	65%



Na primeira aplicação dos Diários de Mudança, em abril, participaram 191 jovens de três Centros de Juventude da Sociedade Santos Mártires. Na segunda, em agosto, participaram 55 jovens. Conforme já relatado, os educadores informaram que como os cursos de formação profissional são semestrais, uma grande maioria de jovens participa de apenas um curso e no semestre seguinte vão em busca de emprego. Apenas uma parte desses alunos participa de outros cursos oferecidos pela instituição, nos semestres seguintes. Em função dessa situação, os educadores propuseram que o Programa VIVE fosse estruturado de forma a ser desenvolvido em um semestre, assim como sua respectiva avaliação. Em dezembro participaram da avaliação 47 jovens.

No quadro acima, percebe-se claramente mudanças significativas nos jovens com relação às expectativas dos educadores. A própria presença e participação desses jovens, passaram de 53% e 60% para 73% e 92%, respectivamente. O respeito pela fala de outro colega passou de 63% para 92%.

Com relação ao que se gostaria de ver, as mudanças foram ainda maiores. O indicador “Relacionar-se com todo o grupo, sem discriminação” passou de 33% para 92%. “Perceber a importância da cooperação” passou de 25% para 89%.

“Reconhecer que pode fazer a diferença através de pequenas ações para a transformação e construção de um mundo melhor” - indicador considerado pelos educadores como mais complexo, pois representa as mudanças mais profundas esperadas - passou de 17% para 65%. Essa mudança, aliada às demais assinaladas, mostraram a potencialidade desta metodologia para trabalhos educativos de formação em relação a valores, para esta faixa etária. Vale registrar que em dezembro de 2011 a maior parte das lições previstas para essa faixa etária já haviam sido aplicadas.

7.2. As mudanças expressas nos depoimentos dos diversos sujeitos que participaram do Programa VIVE

A análise dos depoimentos dos diversos sujeitos que participaram do processo educativo - por ocasião de entrevistas coletivas - teve como base alguns dos resultados esperados



pelo Programa Vivendo Valores na Educação. Essa análise das mudanças verificadas teve por foco dois grupos de sujeitos: as crianças e os jovens e os educadores.

As mudanças nas crianças e nos jovens, expressas nos depoimentos dos educadores, dos professores e dos próprios jovens, foram organizadas tendo como referência os resultados esperados pelo Programa VIVE. Esses resultados foram transformados em categorias que orientaram a presente análise.

No caso dos educadores, os diversos depoimentos foram organizados também em categorias, identificadas a partir dos aspectos comuns existentes entre eles.

Para ilustrar as mudanças identificadas foram utilizados depoimentos de educadores e de jovens, de forma alternada, sempre que possível, com o objetivo de demonstrar a complementaridade entre os depoimentos desses sujeitos. Para preservar a identidade dos entrevistados, optamos por utilizar nomes substitutos.

As mudanças verificadas nas crianças e nos jovens

I- Desenvolvimento do auto-respeito e do respeito pelo outro

O aumento do respeito entre os educadores e os alunos e entre os alunos e seus colegas é reconhecido pelos educadores e jovens entrevistados das instituições participantes como a maior mudança proporcionada pelo Programa Vivendo Valores.

A falta de respeito entre os alunos foi identificada pelos educadores, em seus depoimentos, como o estabelecimento de apelidos, a desqualificação da fala do outro, o preconceito, a gozação entre os alunos e, em alguns casos, a agressão física. A falta de cuidado com a escola também foi reconhecida como expressão da falta de respeito dos alunos pelo ambiente em que estudam.

“A escuta proporcionada pela metodologia é ‘bacana’, assim como o respeito. Porque muitas vezes nós tocamos em assuntos delicados e, por mais que a gente conheça os jovens, sempre tem aquela brincadeira... Em certos momentos mais delicados, eles



conseguiram realmente manter o respeito pelo colega que estava falando. Foi algo que chamou a minha atenção. Teve momentos em que alguns jovens se expuseram e houve muito respeito do grupo.” (Pedro, educador do Centro da Juventude Ranieri)

“Hoje eu vejo que em várias salas da escola houve uma mudança de pensamento. Os alunos hoje quando a gente fala: ”Você não está respeitando o professor”, ou alguma coisa assim: ‘Nossa! Você está fazendo isso!’ Então, vem a palavra respeito. Tem aluno que fala: ‘Professora ele não está dando valor, o valor do amor, o valor da humildade, do carinho’. E, no ano passado, nós vimos as crianças aceitarem a mudança. Tem aluno hoje que se revelou, que produziu texto, produziu vários trabalhos e conseguiu se integrar em um grupo por meio do projeto Vivendo Valores” (Maria da Penha, professora de Leitura e Produção de Textos do Fundamental II da Escola Maria Peccioli)

“Hoje eles conseguem saber o espaço deles e o espaço do outro. Dar o desconto para aquele outro que, às vezes, aprontou, que não está certo, mas eles não estão revidando. Então eles conseguem parar e falar: “Não está certo. O que você está fazendo não está certo. Não quero conversar com você agora”. Então, isso já é muito positivo. ... Mas acho que o melhor de tudo não é na sala, é na hora em que eles estão sozinhos, sem ninguém observando, é a hora do intervalo. Hoje, eles correm menos, brigam menos, conseguem brincar mais. Não correm como corriam, cada um para um lado e batendo um no outro”. (Marina, professora do Fundamental I da Escola Maria Peccioli)

“De agressão mesmo - deles se agredirem fisicamente - na minha sala, no início, eu tinha essa dificuldade. Isso melhorou bastante. Eles não têm mais coragem de um avançar no outro na sala. Porque eles sabem que não é certo fazer isso. Então, eles não fazem. Eu não estou tendo mais esse tipo de atitude na sala”. (Roberta, professora do Fundamental I, da Escola Maria Peccioli)

“Eu percebi uma situação de respeito: nós temos um painel e, antes, os nossos trabalhos não ficavam fixados por muito tempo. Agora, os trabalhos estão ficando lá durante meses. Eu já vi situações em que algum trabalho caiu no chão e o aluno pegou e falou: “Olha professora, caiu!”. E antes não acontecia isso. Nós colocávamos num



dia, no outro estava todo rasgado”. (Silmara, professora do Fundamental I da Escola Josefina)

Segundo alguns educadores da Sociedade Santos Mártires a palavra respeito é a mais usada pelos jovens após a chegada do Programa.

“Eu acredito que o respeito é o valor que eles colocam na frente. Está relacionado à necessidade deles se afirmarem como jovens. Eles não são mais crianças. Para eles isso é muito forte. Eu acho que quando a gente trata o jovem com respeito - que é isso que eles querem - esse respeito fica mútuo. Em minha opinião, o valor a que eles dão mais importância é o valor ‘respeito’.” (Jairo, educador do Curso de Organização de Eventos do Centro da Juventude Riviera)

Um dos jovens entrevistados, também dá destaque à importância do respeito.

“Acho que o valor mais importante que se tem é o respeito. A partir do momento que você respeita o seu próximo, ele vai te respeitar. E, se ele não te respeitar e você continuar respeitando a ele, um dia ele vai se ‘tocar’: ‘o cara é tão bacana comigo, porque eu sou tão mau com ele?’. Uma hora cai a ficha. Então, parte da gente, se nós não respeitarmos o próximo, não podemos esperar nada diferente dele.” (Leandro, educando do Centro da Juventude Riviera, 19 anos de idade)

O depoimento de uma educadora dos Santos Mártires mostra como se deu o envolvimento dos jovens com as lições do VIVE, na medida em que eles foram reconhecendo o Programa como um espaço mútuo de respeito.

“À princípio eles falavam: ‘Poxa, adianta eu falar de paz agora e eu saio ali fora e vem um ‘cara’ e mete um ‘três oitão’ na minha cara, e aí? Eu vou falar de paz? Para que?’”. Na semana passada, pedi que eles fizessem uma pequena avaliação. Que eles me dissessem o que estavam sentindo e do que não estavam gostando (o interessante é que na aula só estavam meninos...). Esses mesmos meninos que tinham dito para mim que não queriam falar de paz, que não queriam falar de amor, foram os mesmos que disseram: ‘Maria, eu queria que essa oficina, esse tipo de atitude - eu respeito você



para você me respeitar - que isso acontecesse também na escola. Porque eu tive uma briga feia com a diretora e ela me disse que eu tinha que sair daqui. E ela me perguntou onde eu aprendia mais, se era na escola ou se era no Centro da Juventude. Eu nem pensei duas vezes, eu disse que era aqui. ... Porque lá eles não me respeitam. Lá eu não tenho esse respeito que tenho aqui'. O mesmo menino que tirou sarro de mim no começo, estava agora clamando praticamente que essa roda de conversa acontecesse em outros lugares. Eu consigo visualizar essa mudança do jovem.” (Lúcia, educadora do Centro da Juventude Riviera)

Alguns professores demonstraram a compreensão de que o clima de respeito buscado pelo Programa depende também das crianças desenvolverem sentimentos positivos sobre si mesmas e habilidades emocionais e sociais de defesa.

“Eu tinha muitos problemas na minha turma com duas meninas que os alunos identificavam como ‘meninas de cabelo duro’ e, em muitos momentos, as chamavam de ‘macacas’. As meninas choravam muito com isso. Depois que começamos as lições do Vive, esses xingamentos diminuíram, mas quando ainda acontece as meninas agora dizem ‘Nem ligo para o que você está falando. Não sou ‘macaca’, não sou desse jeito que você está falando’. Então, as meninas passaram a se valorizar. As lições do Vivendo Valores ajudaram muito a criança a trabalhar sua auto-estima.” (Adriana, professora de Língua Portuguesa e Leitura e Produção de Texto, do Fundamental II, da Escola Maria Peccioli)

Um jovem atendido pela Sociedade Santos Mártires também expressa a compreensão da importância da auto-valorização.

“Eu gosto muito do baralho do VIVE. Porque ele ajuda a gente ver as nossas qualidades. Muitas vezes nós vemos só os nossos defeitos. E quando pegamos uma carta, percebemos que temos um pouco da qualidade descrita na carta. Gosto também quando o educador propõe que a gente procure uma qualidade no colega e entregue a carta para ele.” (Leandro, educando do Centro da Juventude Riviera, 19 anos de idade)



Algumas professoras relatam como alguns alunos passaram a lidar melhor com determinadas situações. O pedido de desculpas, para essas professoras, já é um grande avanço, na medida em que a criança percebe que faltou com respeito com alguém.

“Hoje, o que eu acho que foi um avanço? Por exemplo: uma fala, uma palavra não adequada de um aluno para o outro, antes que eu chame a atenção do aluno, ele já pede desculpas. Então isso já é um avanço. Antes, ele nem achava que precisava pedir desculpas. (Roberta, professora do Fundamental I, da escola Maria Peccioli)

II- Capacidade de expressar sentimentos

O Programa Vivendo Valores espera contribuir para o desenvolvimento de habilidades expressivas de linguagem e habilidades sociais de diálogo respeitoso, permitindo às crianças expressarem seus sentimentos de tristeza, de mágoa e de dor. Para o Programa, as crianças e os jovens necessitam dar sentido à própria experiência. Vários depoimentos apontam o desenvolvimento desta habilidade naqueles que participaram das atividades do VIVE.

“Eu tenho criança lá que a mãe arrumou um namorado. E a mãe não está dando a atenção que a criança deseja receber. A criança chega até nós e conversa sobre o assunto: ‘Minha mãe está saindo com o namorado. Ela não dá atenção para mim. Ela não brinca mais comigo’. E aí, nós temos como chegar na mãe, chamando para o espaço e conversando e, até mesmo, citando o assunto que a criança nos trouxe. Então, para mim, foi muito bom porque estou tendo um contato mais íntimo com a criança. Antes, ela não conseguia se expressar e, hoje, ela já está conseguindo chegar até mim - ou até a coordenadora do CCA - relatando o que acontece com ela.” (Maria Alice, educadora do CCA Riviera, atende crianças de 6 a 9 anos)

“Eu tenho notado que os adolescentes, através das lições do VIVE, têm tido uma oportunidade de falar das coisas que eles pensam. Isso os tem ajudado a ficar mais tranquilos porque acho que quando você tem um problema e não comenta sobre ele, isso gera uma tensão. Então, desde a primeira lição esse ano, quando começamos falar sobre a paz, os adolescentes relataram muitas situações de violência. Eu acho que



isso abriu o coração deles, gerou um alívio para esse jovem". (Claúdio, educador Centro da Juventude Riviera)

“Quando nós estávamos estudando sobre paz, uma aluna ficou observando tudo o que falávamos, o que os colegas comentavam e depois falou: ‘Professora, o meu padrasto não tem paz, porque ele não tem um pingão de paciência, ele não tem paciência nem com a filha dele que é um bebê. Quando ela chora ele começa a querer sacudi-la. Então, isso tira muito a minha paz porque eu fico com pena daquela criança. E também ele fica gritando e fazendo escândalo. A minha mãe também fica nervosa. Aí, nós perdemos a paz. Então é uma situação de ‘não paz’ na minha casa quando o meu padrasto chega e fica nessa impaciência com a filha dele’. Então, nós percebemos que eles levam isso para casa e começam a observar. Eles começam a observar a atitude dos pais e muitas vezes eles querem fazer essa intervenção com os valores que são aprendidos na escola. (Solange, professora de um quarto ano da Escola Josefina)

Alguns jovens atendidos pela Sociedade Santos Mártires, no momento da entrevista coletiva, falaram sobre a experiência de conseguir falar de sentimentos de tristeza e dor, durante as atividades do Programa.

“Na hora do VIVE, na hora da leitura da história, quando você está numa roda, sempre tem uma pessoa que fica tocada pela história. E foi em um desses momentos que o Abílio contou uma história de dois amigos que brigavam muito. Começamos a discutir e cada um foi falando da sua vida. E foi aí que comecei a falar da minha vida e vi muita gente chorando.” (Pedro, educando do Centro da Juventude Riviera, dezesseis anos)

Essa história do Pedro é comentada assim por outra jovem que participava da entrevista coletiva: *“Eu vejo a história do Pedro como superação. Porque não é fácil realmente a pessoa falar dessas situações. Eu acho que ele está de parabéns por ter conseguido superar. O projeto Vivendo Valores tem, em minha opinião, o intuito de fazer com que o jovem supere o medo ou supere algo que passou ou está passando hoje em dia, como a morte, ou outros assuntos que também são tratados durante as atividades e são bem importantes”*. (Mariana, educanda da Sociedade Santos Mártires, dezessete anos)



A mãe de um aluno da Escola Josefina relatou durante a entrevista que seu filho, ao participar de uma atividade do VIVE realizada na escola, quando foi tratada a relação de pais e filhos, percebeu que o pai dele estava parecendo o pai que ele representou no teatro da escola – alguém que trabalha muito e que não tem muito tempo para os filhos. Como o pai desse menino fica com ele só duas ou três horas no sábado - os pais são divorciados - ele fez, segundo a mãe, o pai dele se reorganizar e ficar com ele mais tempo. Ele falou para o pai que não quer ter um pai igual ao que ele representou no teatro. Essa história contada por essa mãe demonstra a capacidade desenvolvida pela criança de expressar seus sentimentos, o que poderá contribuir para que ela desenvolva habilidades emocionais, aumente seu bem-estar pessoal e construa relacionamentos saudáveis.

III- Entendimento sobre os diferentes valores e as implicações práticas de expressá-los em relação a si mesmo, aos outros, à comunidade e a sociedade em geral.

O VIVE, ao estabelecer um momento do dia para discutir e refletir sobre os valores fundamentais da vida por meio das lições propostas, proporcionou às crianças e jovens - segundo relatos de vários entrevistados - uma maior compreensão positiva de si mesmo e da importância de uma convivência mais harmoniosa e pacífica.

“Eu acho que a coisa principal que mudou foi a questão da valorização deles mesmos. Acho que eles começam hoje a olhar para dentro de cada um e falar: “Eu tenho uma coisa que precisa ser valorizada”. E acho que eles começaram também a ficar mais críticos com relação a algumas questões e, com isso, começaram uma cobrança dentro do grupo: ‘Ontem nós estávamos falando sobre respeito e hoje você faltou com o respeito’. Então, eles começam a cobrar uns dos outros, eles começam a se cobrar. E acho que isso vem em razão desse projeto. Porque acho que por mais que seja uma coisa que está no dia a dia e que todo mundo fala, foi um desafio tanto para os educadores como para os meninos parar um momento do dia para falar sobre valores. Eu acho que com isso eles começaram a ficar mais críticos e puderam parar um momento e falar: “Apesar do turbilhão de coisas que acontece no dia a dia, dá para eu ainda parar e falar sobre algum valor que eu tenho”. Não é que ninguém tem, você tem esse valor, só que precisa valorizar. Acho que é isso que está começando a acontecer,



eles começaram a reconhecer esses valores que eles têm”. (Júlio, educador de cidadania do CJ Riviera)

“Eu acredito que é um desafio muito forte para todos parar para refletir sobre os nossos valores. Os jovens não têm essa vivência. E, dentro do espaço, eles têm essa oportunidade. São coisas que estão ali, tão claras para eles e que no Vivendo Valores eles trabalham. Eles conseguem enxergar que os valores existem dentro deles mesmos, que não precisam buscar em outro lugar.” (Paulo, educador de informática do CJ Kagohara)

Alguns entrevistados relataram episódios que mostram o quanto o VIVE contribuiu para que as crianças e os jovens compreendam a importância dos valores e busquem a paz e o respeito dentro de suas próprias famílias.

“Eu queria contar que na família do meu tio são todos revoltados porque eles não entendem um ao outro. Quando eu entrei no CJ Riviera eu tinha dúvidas, porque eu não aguentava mais eles. Quando eu ia para a casa deles em dia de semana eu não aguentava, eles só ficavam brigando. Cheguei aqui e conversei com o educador - eu fui me abrindo e ele foi me explicando. Em outro dia, quando cheguei na casa da minha tia, conversei com ela. Falei: ‘No meu curso tem Vivendo Valores. Por que vocês ficam assim?’. Ela falou: ‘Porque eu não aguento o seu tio. Ele chega do trabalho, bebe demais e fica com aquelas brincadeiras’. E eu pedi emprestado para eles [os educadores] aquele [material do] Vivendo Valores e levei lá. Eles leram. E falaram: ‘É melhor a família viver em paz do que a família ser destruída.’ E depois disso nunca mais eles brigaram. Porque eu expliquei para eles e eles ficaram todos felizes”. (Marcos, educando do Centro da Juventude Riviera, quinze anos)

“Às vezes, eu pergunto: ‘E na família, vocês estão levando para os pais?’, e uma aluna respondeu: ‘Professora, a gente fala. Quando o meu pai e a minha mãe estão discutindo eu falo’. E um dia eu percebi uma menininha. Ela falava com a outra - estava perto de mim e eu lá preenchendo meu diário - e comentava: ‘Meu pai e minha mãe estavam numa briga, eles estavam discutindo. Eu cheguei para eles e falei: ‘Vocês não conhecem os valores, não? Vocês não sabem o que é amor?’. Aí eles pararam e me



perguntaram. *‘O que é isso? De onde você vem com isso?’*, *‘Aprendi na escola os valores, que a gente tem que ter amor. Vocês não têm amor?’*. *Achei muito interessante ela falando assim*”. (Vania, professora de um terceiro ano da Escola Josefina)

IV- Habilidades sociais para a segurança e o desenvolvimento do auto-controle

Para o VIVE é importante que a criança e o jovem saibam evitar situações de violência, abuso e uso de drogas. O Programa espera que a criança desenvolva a capacidade de dar respostas não violentas diante de circunstâncias ameaçadoras e violentas. As atividades que compõem a metodologia são projetadas para aumentar a autoconfiança e o autocontrole das crianças e jovens.

Alguns jovens entrevistados contam como passaram a lidar com situações de conflito dentro dos contextos em que estão inseridos.

“Cada um pensa de uma forma, cada um tem um jeito de falar, cada um tem um jeito de pensar e a gente tem que saber lidar com todas essas situações. Até porque nós também não podemos criar uma guerra com uma pessoa que pensa totalmente diferente, porque iríamos criar guerra com todo mundo se fosse assim. Porque se a pessoa é de uma forma, você tem que saber um jeito de falar. Porque se a pessoa está passando por uma situação ou se ela fez alguma coisa para você que você não gosta, você tem que saber um jeito de falar: ‘Eu não gostei disso ...’ Eu acho que é questão de diálogo. Muitas vezes você, brigando com a pessoa, não consegue ser mais compreendido do que quando você conversa com ela”. (Mariana, educanda da Sociedade Santos Mártires, dezessete anos)

“Eu tenho um irmão. Ele é diferente de mim. Ele é uma pessoa agressiva, ele fala palavrão. Antes eu xingava, eu brigava e acabava causando confronto em casa. Minha mãe entrava no meio. Agora, a única coisa que eu faço é: ele me xingou, eu ignoro. Eu deixo pra lá. Com respeito a minha mãe. Eu deixo pra lá. Eu acredito que um dia ele mude”. (Paula, educanda da Sociedade Santos Mártires)

“Minha irmã é totalmente diferente de mim. Eu chego em casa e ela está escutando funk, gritando, e falando palavrão. Tem vez que eu estou conversando com ela e ela



começa a discutir comigo. Antes eu discutia com ela, mas como eu via que aquilo fazia mal para minha mãe - porque ver dois filhos brigando é doloroso – hoje, eu ignoro. Quando ela começava a me xingar eu continuava fazendo o que eu estava fazendo. Ai chegou a um ponto... hoje em dia ela não escuta mais funk perto de mim, ela respeita eu não gostar disso. Ela respeita eu não gostar dela falar palavrão quando ela começa a brigar dentro de casa; ela vê que se eu fico quieto, minha mãe fica quieta e a gente a ignora. Ela não tem mais o que fazer e ela para. (Leandro, educando da Sociedade Santos Mártires, dezenove anos)

V- Capacidade de fazer escolhas pessoais e sociais positivas com relação aos valores trabalhados

O Programa Vivendo Valores tem como uma de suas principais metas possibilitar às crianças, adolescentes e jovens uma filosofia de vida que facilite, de forma global, seu crescimento, desenvolvimento e escolhas, de maneira que eles possam integrar-se à comunidade com respeito, confiança e determinação.

Os jovens entrevistados relataram em vários momentos sobre escolhas realizadas por eles ou por amigos, baseadas na experiência que tiveram com a participação no Programa Vivendo Valores.

“Eu sempre tive uma ligação próxima com minha mãe, mas não aquela ligação de ser mãe amiga. Ela fazia o papel dela de mãe, mas não como amiga. Depois de um ano e pouquinho participando do Vivendo Valores acho que eu tive bastante experiência com isso. Foi uma coisa que aconteceu naturalmente: ‘Hoje eu vou mudar. Hoje vou conversar com a minha mãe sobre coisas que eu não conversava com ela antes’. E assim foi mudando até que eu peguei confiança nela e ela pegou confiança em mim”.
(Mariana, educanda da Sociedade Santos Mártires, dezessete anos)

“Tive um primo que morreu faz pouco tempo por causa de envolvimento com drogas. Comecei a escutar o projeto, são muito emocionantes as histórias e faz você refletir o que você quer para a sua vida - a escolha que você vai fazer. Eu gosto das atividades do VIVE: sentamos em círculo, ouvimos música e refletimos. Sentir que você pode mais



de onde você está, apesar das dificuldades, você pode ir além. Você pode superar os obstáculos”. (Paula, educanda da Sociedade Santos Mártires, dezessete anos)

“Agora que entrei nesse curso no Centro da Juventude consegui sair dessas amizades ruins e parei de usar droga. Agora estou quieto na minha. Consegui sair da vida do crime de um jeito que antes eu não conseguia. Tentava sair e quanto mais eu tentava sair mais eu entrava na vida do crime. Quando fui preso, refleti e vi que o que eu estava fazendo não era para mim. Eu queria ter coisas melhores para mim. Quando eu entrei no curso conheci várias pessoas legais e comecei a me abrir. Quando eu comecei a estudar as histórias do VIVE foi que eu quis mais ainda me afastar do crime. Hoje, eu até consigo fazer a minha mãe feliz. Porque antes a minha mãe não tinha confiança em mim. Consegui também mais autoconfiança. Muitas pessoas não têm a vivência que eu tenho. Eu tenho uma história que a pessoa que escuta não acredita, porque eu já passei muitas coisas na vida do crime. É uma coisa que posso falar aqui e agora: não desejo nem para o meu pior inimigo”. (Pedro, educando da Sociedade Santos Mártires, dezesseis anos)

“Tem um amigo meu que faz curso aqui e que ele também é do Vivendo Valores. Ele é muito grosso, se acha melhor que todo mundo, meio casca grossa, fala que tem coração de pedra, pega mulher só para zoar, não gosta, não tem sentimentos. O Vivendo Valores é um espaço para a gente conversar, se a gente está errado, o que a gente poderia mudar ou o que a gente acha do problema. Antigamente esse meu amigo não participava, hoje ele conversa, fala com a gente e evita problemas. Antigamente ele levantava e saía no soco. Ele não é mais aquele ‘bruta montes’, deu uma pausa e se relaciona melhor com as pessoas. ... O bairro dele é muito perigoso, com drogas e mortes. E ele vivia muito naquilo, mesmo que ele não usasse drogas ele ficava no meio daquilo. Começou a frequentar o CJ e hoje eu posso falar que ele fez uma escolha, porque um monte de gente já chamou ele para sair e ele falou: “Não, vou em um passeio do CJ”. Em vez dele estar lá fazendo alguma besteira, acabando com a vida dele, ele estava aqui vivenciando uma coisa diferente para ele. (Leandro, educando da Sociedade Santos Mártires, dezenove anos)



VI - Habilidades para a resolução de problemas e conflitos

As habilidades e competências desenvolvidas pelas crianças e adolescentes que participam do Programa VIVE - como a capacidade de expressar sentimentos, a capacidade de escuta, o respeito por si mesmo e pelo outro e o reconhecimento de suas qualidades - fortalecem nelas a capacidade de enfrentar e resolver problemas e conflitos.

Os depoimentos abaixo relatam como alguns educadores aprenderam a lidar com situações de conflito ou como veem os jovens desenvolvendo essa habilidade. Dois jovens entrevistados também nos relatam episódios nos quais eles passam a disseminar os valores aprendidos no Programa e a orientar outros jovens a resolverem conflitos de forma pacífica e respeitosa.

“Uma jovem veio conversar comigo sobre a questão da escuta ativa, de saber ouvir e falar na hora certa. Ela contou que saber ouvir mais, na hora certa, a ajudou a resolver um problema com o namorado. Então eu vi que essa ferramenta funciona mesmo na prática. Ela me contou que antes os dois queriam falar juntos e sempre brigavam e não resolviam nada. Agora, um ouve o que o outro tem para falar e os dois se respeitam mais.” (Luís, educador de informática do Centro de Juventude Riviera)

“Às vezes o educador vai tentar resolver e acaba piorando a situação porque grita com um, grita com quem está certo, grita com quem está errado. Através das lições do VIVE você se sente mais confortável para tentar resolver, para conversar. Porque tudo é na base da conversa, você não pode mostrar para a criança que você está indo na onda dela, na onda da violência. Acredito que você conversando, sentando, até voltando, relembrando algumas lições, algumas etapas do VIVE, o que você aprendeu na capacitação, você se sente mais forte para intervir em uma situação de conflito.” (Felipe, educador do CCA Riviera, atende crianças de 10 e 11 anos)

“Toda vez que saio do curso eu fico ali na frente da casa do meu amigo conversando. E todo dia tem uns meninos que jogam bola, só que eles se xingam, se quebram, ameaçam de morte. E teve um dia que eu sentei com eles e perguntei: ‘Vocês não são amigos?’, Eles responderam: ‘Somos’, então falei: ‘Mas amigo bate, xinga, ri do outro, assim desse jeito?’. Eles: ‘É’. Eu falei: ‘Vocês já tentaram dar bom dia uns aos outros antes



de jogar bola e evitar xingar e espancar?’. Eles: “Não”. Em outro dia eles estavam lá conversando. Não foi imediato. Mas hoje em dia falando com eles, eles não se batem mais, eu não vejo eles brigando. Eles chegam, brincam e chamam a gente para brincar também.” (Leandro, educando da Sociedade Santos Mártires, dezenove anos)

“Eu tento passar isso também para os meus amigos na escola. Eu vejo amiga minha reclamando que briga com a mãe, com o pai e sempre chega estressada por causa disso. Eu falo para ela tentar conversar, entender também as dificuldades dos pais. Sentar e conversa. Por que não se resolvem as coisas xingando, revoltada, chegando tarde em casa”. (Paula, educanda da Sociedade Santos Mártires, dezessete anos)

As mudanças verificadas nos educadores

Durante as entrevistas, os educadores e professores ao serem questionados sobre o impacto do Programa Vivendo Valores nas suas vidas pessoais, relataram várias mudanças ocorridas neles próprios e no relacionamento com seus alunos e familiares.

Reconheceram também a importância de uma contínua reflexão da prática na sala de aula considerando a necessidade de coerência entre os valores trabalhados com os alunos e a postura do professor frente a esses mesmos valores.

As principais mudanças apontadas por eles referem-se: à capacidade de lidar com questões do cotidiano com mais calma e paciência; ao desenvolvimento de um melhor relacionamento com os alunos, a partir do reconhecimento da importância do respeito na relação entre professor e aluno; ao desenvolvimento de um melhor relacionamento com a família; à percepção de que o professor também tem responsabilidade de transmitir valores; ao desenvolvimento de um olhar para as próprias qualidades e as qualidades dos alunos; e, por fim, à busca - a partir da experiência tida com o Vivendo Valores - de um clima mais harmonioso na escola e na instituição, em razão da valorização do relacionamento entre os professores e de um maior cuidado com o espaço físico.



I – Capacidade de lidar com as questões do cotidiano com mais calma e paciência.

Educadores e professores afirmaram que passaram a ter mais paciência e calma ao lidar com os jovens e com os próprios colegas de trabalho. Afirmaram também que precisaram se repensar no que se refere à forma como se relacionavam com as pessoas.

“Alguns meninos que estavam no ano passado e voltaram esse ano falaram: ‘Júlio você está diferente. Você está mais calmo, você está menos explosivo’. E acho que eu aprendi isso: a ouvir mais e, junto com eles, ser mais paciente. Acho que consegui... Aprendi a ser mais paciente. Através ‘do ouvir’ eu consegui ter paciência, coisa que eu não tinha”. (Júlio, educador de cidadania do Centro de Juventude Riviera)

“Me fez pensar um pouco mais no lado espiritual. Refletir, buscar mais paciência no sentido de resolução de conflitos. Não tanto com os jovens, mas procurar resolver conflitos entre os colaboradores mesmo, os colegas de trabalho. Então, esse ano, coloquei como meta evitar entrar em conflito com os colegas de trabalho. E procurei na minha vida, na minha família, ser um mediador de conflitos.”(Cláudio, educador do Centro da Juventude Riviera)

“Eu comecei a questionar algumas coisas, procurei mudar um pouco. Sou uma pessoa que falo, sou muito sincera, acabo falando o que eu penso, e acabo magoando as pessoas. Mas acho que comecei a questionar algumas coisas em mim. É engraçado porque esse projeto veio aqui para a escola e ficou todo mundo falando ‘os alunos, os alunos, os alunos’, mas esqueceram que nós, nas trajetórias de nossas vidas, perdemos muitas coisas também. Então, eu senti a necessidade de resgatar algumas coisas que eu acho que também se perderam.” (Vânia, coordenadora do Fundamental II da Escola Maria Peccioli)

“Uma situação que me chamou a atenção: em uma sala normalmente agitada, eu cheguei muito nervosa e falei que estava com dor de cabeça. Aí, um aluno falou: ‘Professora, dá para você buscar a estrela da calma para você?’. Nossa! Aquilo me chamou a atenção porque foi o que eu ensinei. Então parei e respirei fundo. O aluno ainda falou: ‘Professora, você quer ajuda? Nós vamos buscar a estrela da calma’. Agora toda vez que eu estou perdendo a calma, eu lembro da frase do aluno



“Professora, você precisa buscar a estrela da calma”. Então, você vê que eles estavam retribuindo o ensinamento.” (Maria da Penha, professora de Leitura e Produção de Textos do ensino fundamental II, da escola Maria Peccioli)

II – Desenvolvimento de um melhor relacionamento com os alunos, a partir do reconhecimento da importância do respeito na relação entre o professor e o aluno.

Vários professores discutiram a necessidade de uma reflexão constante da própria prática com relação aos valores. Esta reflexão, segundo eles, está ajudando-os a estabelecer um melhor relacionamento com seus alunos. Eles também reconhecem que o Vivendo Valores é um parâmetro para essa reflexão.

“Os alunos começaram a se abrir mais conosco. Começaram a contar um segredo ou alguma coisa que lhes aconteceu. E nós também começamos a conversar mais com os alunos. Eu, sinceramente, sou uma pessoa muito fechada, até muito tímida em alguns momentos, inclusive com os alunos. Eu era mais reservado, e ainda sou, não dava muita abertura para os alunos. Agora, eu consigo deixar eles mais à vontade e estou tendo uma proximidade maior com eles e, com isso, eles passaram também a me respeitar mais. O valor que chamou mais a minha atenção foi o valor ‘respeito’: você saber respeitar melhor os alunos e respeitar a si próprio”. (João, professor Português e Leitura e Produção de Texto do ensino Fundamental II da escola Maria Peccioli)

“A questão que me marcou muito nesse projeto foi a questão do respeito: o respeito pelo aluno e o respeito pelo professor. Eu, sinceramente falando, aprendi a respeitar mais os alunos. Eu era uma professora que gritava, que me impunha muito e agora estou gritando menos. Eu já tenho timbre alto que é de família. Mas agora estou procurando ouvir mais o aluno e a respeitá-lo mais. E eles percebem isso porque o aluno é um ser inteligente”. (Vânia, coordenadora do ensino fundamental II da escola Maria Peccioli)

“Dependendo da atitude do aluno eu penso e falo: ‘Não. Não vou gritar. Porque o Vivendo Valores não é isso’. Então eu me policio. É lógico que tem hora que eu tenho que ser brava, mas eu tento me policiar. Tem situações que eu chego em casa e falo:



‘Nossa, acho que hoje eu exagerei, acho que hoje eu fui muito chata’.“ (Silmara, professora de um segundo ano do ensino Fundamental I da escola Josefina Maria)

“Nós temos que refletir sobre a nossa prática o tempo todo, sobre a nossa atitude em relação ao aluno. Falamos ao aluno: ‘Você tem que respeitar seu coleguinha’. E se a gente não respeitar o aluno, como fica? Nós somos modelo, somos o exemplo aqui para eles.” (Solange, professora de um quarto ano do ensino fundamental I da escola Josefina Maria)

“Eu dava muita bronca. Com o Vivendo Valores me questioneei: como vou cobrar dos meus alunos se eu não passar isso para eles? Nós tivemos que, em determinado momento, nos reeducar também, mudar a nossa postura. Como chamar a atenção do aluno de forma educada, dentro dos valores? No estresse do dia a dia, às vezes exagerávamos. Nós começamos a nos cobrar: se eu estou trabalhando Vivendo Valores, eu também tenho que dar exemplo, eu tenho que mudar a minha postura.” (Maria da Penha, professora de um primeiro ano do ensino fundamental da Escola Josefina)

III – Desenvolvimento de um melhor relacionamento com a família

Alguns educadores relataram que, ao discutir os valores na escola ou na instituição, refletiram que esses mesmos valores precisariam ser praticados também na relação com seus familiares, estabelecendo maior diálogo e cooperação.

“Para mim o Projeto acrescentou muitas coisas desde a capacitação que nós fizemos. Eu acho que comecei a pensar em alguns valores para a educação do meu filho de dois anos e meio. Eu acho que consegui agregar valores como a cooperação dentro de casa, na convivência com outra pessoa. Porque acho que se você não cooperar com seu parceiro dentro de casa, vai ser muito difícil a convivência marido e mulher”. (Jairo, educador do curso de Organização de Eventos do Centro da Juventude Riviera).

“Eu acredito que o Vivendo Valores ajudou a minha pessoa. Os valores que me deram muita força foram o amor e a compreensão. Por causa do amor eu me aproximei mais da minha família. Porque todos nós em casa trabalhamos muito, o que acaba dificultando a aproximação, a conversa sobre o que está acontecendo e o diálogo.



Sentar na mesa como uma família e colocar tudo na mesa, conversar mesmo". (Luis, educador de informática do Centro da Juventude Riviera)

"Eu acho que não só aqui como em casa também, eu mesma melhorei muito. Muitas vezes eu chegava em casa estressada e não tinha muita paciência. Eu percebi uma melhora na relação com a minha mãe. Brigávamos praticamente todos os dias. Hoje não. Hoje eu tenho um diálogo maior com a minha mãe e com meus irmãos". (Lúcia, professora de um 1º ano do ensino fundamental da escola Josefina Maria)

IV – A percepção de que o professor, em sala de aula, também tem responsabilidade de transmitir valores

Alguns educadores, principalmente professores das duas escolas parceiras, relataram que com o Programa Vivendo Valores passaram a entender que os valores também devem ser trabalhados dentro da escola, na sala de aula.

"O que mais ajudou foi entender que a transmissão de valores era também nossa responsabilidade. Até então achávamos que não era nossa responsabilidade. Entendíamos que era responsabilidade da família". (Almir, professor de matemática do ensino fundamental II da escola Maria Peccioli)

"Meu tempo para assistir TV é pouco, mas na semana passada vi um seminário e um dos palestrantes, que nem era brasileiro, falou sobre a importância dos valores e que a escola só ensina leitura e matemática. Fiquei feliz porque agora nossa escola está trabalhando com valores". (Vânia, professora de um terceiro ano do ensino fundamental I da escola Josefina Maria)

"Acho que a vida é tão corrida que os professores se concentram muito no currículo mesmo, nas disciplinas. E acho que o Vivendo Valores veio contribuir com o lado mais humano, de olhar para o outro, de perceber o outro". (Clara, coordenadora pedagógica da escola Josefina Maria)



V- O desenvolvimento de um olhar para as próprias qualidades e as qualidades dos alunos

“Em uma dinâmica que realizamos em grupo tínhamos que colocar de um lado os nossos defeitos e de outro lado as qualidades. Colocar os defeitos foi fácil, agora com as qualidades encontrei uma enorme dificuldade. Comecei a perceber que tenho um olhar muito crítico para as coisas, busco uma perfeição que não é necessária. E comecei a observar isso saindo um pouco do contexto da educação e indo para o contexto mais pessoal. E comecei a perceber que isso causa um desgaste extremamente desnecessário e acaba apagando as minhas qualidades. Acho que isso foi um aprendizado muito bom.” (Maria, professora de um segundo ano do ensino fundamental I da Escola Maria Josefina)

“Aprendemos com o Vivendo Valores que não devemos dar ênfase só ao lado negativo. Começamos a dar ênfase ao lado positivo, no que as crianças têm de bom. Porque elas não têm só defeitos, elas têm qualidades também, tem coisas boas para mostrar. Por mais agressivas que sejam, sempre tem alguma coisa que se sobressai, que devemos aproveitar da melhor maneira possível para melhorar a convivência com o grupo”. (Maria da Penha, professora de um primeiro ano do ensino fundamental da Escola Josefina)

“Eu tenho um aluno bastante difícil, que nos suga muita energia porque ele requer muita atenção. Mas ele sempre participa das apresentações, nas quais ele se expõe, fala e demonstra algumas habilidades, mas eu não costumava ter esse olhar. Eu acho que o Vivendo Valores tem essa questão de nos policiar com relação o olhar para a criança sem excluí-la da situação que você está planejando. E esse garoto é um dos melhores. Ele é terrível no comportamento. Ainda é terrível, mas deu uma boa melhorada. Ele tem ainda um caminho a percorrer que depende muito de nós. Só sei que ele é muito bom na dança, em trabalhos com leitura, e em tudo que você propõe. A direção da escola me elogiou porque eu deixei-o no meio dos outros alunos e não o exclui porque ele é danado. Ele, às vezes, deixa a desejar por ser tão indisciplinado, mas ele tem suas qualidades também. E, aí está a nossa questão: não deixar ele de fora só porque ele é danado.” (Silmara, professora de um quarto ano do ensino fundamental I da escola Josefina Maria).



VI - A busca por um clima mais harmonioso na escola, por meio da valorização do relacionamento entre os professores e de um maior cuidado com o espaço físico.

Alguns depoimentos mostram que a experiência do Vivendo Valores contribuiu para mudanças no clima e no espaço físico das escolas e da Sociedade Santos Mártires. Além dos depoimentos abaixo, vale lembrar o depoimento de uma professora que conta que os alunos passaram a preservar e a cuidar do quadro de trabalhos que fica exposto na escola.

“Um fato que aconteceu aqui na escola que eu achei que foi muito bom para o nosso crescimento profissional e até para o ambiente da escola foi a brincadeira do Anjo. A Cleide, do Vivendo Valores, durante o curso de formação, fez essa brincadeira: nós tínhamos que tirar o nome de uma pessoa e, durante o curso, sem revelar, nós tínhamos que cuidar daquela pessoa: ‘Sou seu anjo, estou cuidando de você’.

A direção resolveu fazer essa brincadeira para aproximar o grupo de professores. E a partir do Vivendo Valores e dessa brincadeira nós começamos a dar mais espaço para as pessoas que, às vezes, estão ali do nosso lado e nós não enxergamos. Começamos a perceber e valorizar o outro, a viver os valores.” (Maria da Penha, professora de um primeiro ano do ensino fundamental da Escola Josefina)

“O meu propósito foi transformar o espaço da instituição em um espaço de valor. A minha ideia é que a pessoa ao entrar no nosso espaço tivesse uma referência de que vivemos no servir, no receber, no acolher e na prática dos valores. As plantas na entrada da secretaria estavam mortas, ninguém colocava água. Hoje tem uma pessoa que cuida das plantas. Quem for lá hoje vai ver as plantas bonitas. O valor não pode ficar só na palavra: eu falo de valor... e desrespeito o menino na hora de servir a comida e não cuido do espaço. De fato eu só estou falando, não estou praticando.” (Lúcio, coordenador da Sociedade Santos Mártires)



8 - A AVALIAÇÃO COMO SUBSÍDIO À APLICAÇÃO DA METODOLOGIA

Durante as várias entrevistas realizadas pela equipe do Neca, os educadores e professores relataram, além das mudanças verificadas neles e nas crianças e jovens, as dificuldades que encontraram ou que ainda encontram com a implantação do Programa.

Consideramos que seja muito oportuno uma análise dessas dificuldades, uma vez que o Instituto Vivendo Valores tem interesse em disseminar essa experiência, particularmente como política pública, e para tanto, a análise do processo de implantação é fundamental para que as próximas reedições do Programa superem as dificuldades encontradas na presente experiência. Os depoimentos abaixo relacionados indicam as principais dificuldades encontradas e dão algumas dicas de como elas podem ser enfrentadas. O reconhecimento da dificuldade enfrentada como fonte de aprendizagem pode dar subsídios para o aprimoramento da própria metodologia e de suas estratégias de implantação em outras localidades.

Myrian Veras Baptista afirma que “a avaliação é uma negação do planejado e do realizado para a sua superação. Quando se está avaliando, está se colocando em questão a proposta, sua realização e seus resultados. Este ‘colocar em questão’ não é simplesmente uma negação, mas também um caminho de superação da ação, apropriando-se dos aspectos que foram se mostrando frutíferos para o alcance das intencionalidades que a nortearam e modificando aqueles que se mostraram inadequados, ou que foram sendo superados no decorrer do processo: nenhuma solução permanece indefinidamente boa, surgem situações novas, alteram-se condições, desdobram-se novas alternativas” (Baptista, 2003:114).

I - O Vive ainda não é um consenso entre todos os educadores e professores.

Vários depoimentos relatam que, entre professores e educadores, existem alguns que colocam dúvidas com relação à aplicação do Programa Vivendo Valores nas escolas e na Sociedade Santos Mártires – alguns desses relatos vêm acompanhados de propostas.



“Eu noto que está mais claro o trabalho do VIVE com as crianças. Os resultados são claros. Porém, acredito que com a equipe de educadores - estou falando do meu espaço - ainda é complicado. Não há colaboração de todos, para alguns educadores o VIVE não funcionou.” (Felipe, educador do CCA Riviera)

“As coisas começaram a mudar quando nós começamos a nos unir para fazer o Projeto funcionar. Porque tinham professores que estavam desacreditados do trabalho com valores. Tem professores que já nem estão aqui, mas que falavam: ‘Eu não quero trabalhar com o projeto. Vou trabalhar com esse projeto para que? Se dentro da escola não tem valor, nada funciona aqui’. (Andréia, professora de Língua Portuguesa e Leitura e Produção de Texto do ensino fundamental II da Escola Maria Peccioli)

“Alguns professores justificam a não participação no projeto porque avaliam que o valor também tem que estar na sala dos professores. E eu concordo. Realmente tem que estar na sala dos professores e em todos os lugares: em casa, no ônibus, no mercado, na feira. Os valores têm que fazer parte das nossas vidas.” (Vânia, coordenadora do ensino fundamental II da escola Maria Peccioli)

“As pessoas falavam: ‘Falar de amor? Falar de paz? Nós já falamos, está na nossa proposta’. Há uma fala de que o VIVE não tenha nada de novo. Talvez a meu ver o Vivendo Valores para os educadores teria que vir antes do Vivendo Valores para as crianças e adolescentes’. (Lúcio, coordenador da Sociedade Santos Mártires).

II – O desafio de incluir as lições do VIVE no currículo e no projeto pedagógico das instituições

Como o Programa Vivendo Valores foi implantado nas escolas e em alguns serviços da Sociedade Santos Mártires, como uma ação complementar às ações já desenvolvidas por estas instituições, os educadores e professores precisaram e ainda precisam conciliar essas duas ações no dia-a-dia da sala de aula. Essa conciliação nem sempre é uma tarefa fácil, porque as demandas das ações institucionais já exigem um esforço e uma carga horária bastante grande. Conforme tratam alguns dos depoimentos abaixo – de um



professor da rede escolar e de uma educadora dos serviços da Sociedade Santos Mártires - seria mais coerente e eficaz se a proposta do VIVE fosse incorporada ao currículo dessas instituições passando, então, a compor suas demandas.

“A princípio a maior dificuldade foi como incluir as horas de aplicação do Vive na programação que já se tinha, uma vez que o nosso cronograma já estava montado. E são várias horas de atividade e vários dias na semana para aplicação. Tem uma quantidade de lições, de aplicações que têm que ser cumpridas durante o ano. Acho que hoje a dificuldade é aplicar as lições sistematicamente [porque há muita dificuldade de aplicação] em função dos feriados ou de outras atividades desenvolvidas pela instituição no mesmo dia do VIVE” (Lúcia, educadora do CJ Riviera)

“Na minha opinião, teríamos que ter esse conteúdo dentro do planejamento. Porque não é fácil você dar o conteúdo planejado e o conteúdo do VIVE. Eu parei o conteúdo planejado, parei o livro do aluno e entrei só com o projeto Vivendo Valores, que deu muito mais resultado de aprendizado nas salas de aula”. (Maria da Penha, professora de Leitura e Produção de Textos do ensino Fundamental II da Escola Maria Peccioli”

Em função dessa dificuldade uma das escolas, a Maria Peccioli, e a Sociedade Santos Mártires não conseguiram implementar as lições dentro da periodicidade esperada pelo Programa – de três vezes por semana. A Escola Maria Peccioli aplica as lições de uma a duas vezes por mês e a Sociedade Santos Mártires, ao final de 2011, conseguiu aplicar em média, duas vezes por semana.

A Escola Josefina conseguiu implementar três lições por semana, sendo que duas lições são dadas pelo professor da classe e uma pelo professor especialista – no caso a professora de artes. Segundo a coordenadora pedagógica da escola, isso foi possível porque no fundamental I o mesmo professor fica com a criança a semana toda, diferente do fundamental II e do ensino médio onde o professor fica apenas 40 minutos. Esse tempo do professor na sala de aula facilita também a formação de vínculos entre o aluno e o professor.



III – A necessidade de uma formação que considere as dificuldades encontradas com a aplicação das lições do VIVE

Alguns educadores falaram da dificuldade de trabalhar temas como a sexualidade ou a morte. Vários depoimentos apontaram para a necessidade de um apoio maior aos educadores com relação a esses temas. Alguns educadores avaliam que o acompanhamento da equipe do IVV se restringiu ao controle das lições dadas e que a troca e a busca por esclarecimentos e apoio se deram entre os próprios educadores. Por sua vez, a equipe do IVV afirma que a implementação das lições conforme recomendação do Programa é fundamental para que o educador se aproprie devidamente da metodologia e que consiga a partir daí desenvolver sua autonomia. Avalia também que o acompanhamento realizado pelo Instituto foi prejudicado pela falta de disponibilidade e tempo das equipes parceiras.

Nesse sentido os educadores apontaram a necessidade de um espaço permanente de troca e de orientação sobre o Programa. Consideraram que só a formação inicial, principalmente no formato em que foi realizada, não responde às necessidades de formação e orientação contínua.

“Eu senti que as lições que foram trabalhadas durante a capacitação foram aquelas lições mais fáceis de se entender, assuntos que você conseguia tirar de letra. Está faltando um suporte para nós aplicarmos as lições mais complexas. Eu gostaria que tivesse um espaço para sentarmos, falarmos sobre as nossas dificuldades... o que eu tive de dificuldade!” (Adriana, educadora do CCA Nossa Senhora de Fátima)

“Eu tive dificuldade de falar sobre morte e de como lidar com ela. Para mim é algo muito difícil. As lições trabalham a morte como algo que tem que ser superado, que é natural, mas para mim foi extremamente difícil. Eu não conseguia falar de uma coisa da qual não tenho a vivência, com a qual eu não consigo lidar - isso para mim foi muito difícil.” (Jairo, educador do curso de Organização de Eventos do CJ Riviera)

“Alguns educadores me relataram, no caso do abuso sexual, que quando aplicaram a lição sobre esse tema, os jovens contaram que foram abusados ou sabiam de alguém



que tinha sido abusado. Um deles começou a chorar e entrou em desespero. E aí? O que o educador faz numa hora dessa? É complicado.” (Lúcia, educadora do CJ Riviera)

“A sexualidade ainda é um tabu na sociedade e também no mundo educativo, seja ele socioeducativo, seja ele educativo direto. E a maioria dos nossos educadores não está preparada para lidar com a questão da sexualidade. É um desafio para a educação do Brasil. (Lúcio, coordenador da Sociedade Santos Mártires)

“A formação teve seus pontos positivos, mas um ponto fraco foi o tempo utilizado para repetir as aulas do livro. A formação poderia ter sido mais rica se entrasse em pontos importantes, que merecem um debate maior, como é o caso do tema ‘morte’. Acho interessante ter também uma formação periódica. Como já foi dito, muitas vezes os educadores trocaram ideias apenas no corredor. Seria importante discutir nessa formação periódica novas e diferentes ferramentas, e não só salientar aquelas que têm no livro. Como cada educador precisa fazer as adaptações de acordo com a realidade, orientações sobre outras ferramentas ou formas diferentes de trabalhar é fundamental. (Pedro, educador do Centro de Juventude Ranieri)

“Proponho que se tenha de fato um período de preparação maior e não um intensivão como foi feito. Um período de preparação para que os educadores conheçam de fato o Programa, que possam realmente sentir e entender porque a proposta do VIVE é positiva.” (Lúcio, coordenador da Sociedade Santos Mártires)

IV- A utilização do material disponibilizado pelo Programa e as adaptações realizadas pelos educadores na metodologia do VIVE

O livro disponibilizado pelo Instituto Vivendo Valores para a equipe da Sociedade Santos Mártires era voltado a crianças e adolescentes em situação de rua, o que, segundo vários depoimentos, não é a realidade da maioria das crianças e jovens atendidos pela instituição. Os educadores reconhecem que os jovens atendidos vivenciam algum grau de vulnerabilidade, mas não na mesma dimensão tratada na publicação do Programa. Essa publicação também era voltada para adolescentes até 16



anos e os jovens atendidos pela instituição têm entre 15 e 23 anos o que, em alguns momentos, tornou a lição infantil demais para essa faixa etária.

Em função dessas questões, os educadores afirmaram que fizeram várias adaptações durante a aplicação das lições. Avaliam inclusive que a frequência e interesse dos jovens aumentaram quando os educadores começaram a fazer as adaptações consideradas necessárias por eles.

Alguns também questionaram a própria expressão ‘meninos de rua’ utilizada pelo material. Segundo eles não existem ‘crianças de rua’ e sim ‘crianças em situação de rua’. De fato, os estudiosos desse tema, assim como os profissionais que atuam nessa área, não utilizam mais essa expressão – crianças de rua - uma vez que avaliam que “estar na rua” é uma situação criada em função de uma série de razões que envolvem, na sua maioria, a violação de direitos dessas crianças.

“A princípio eu não utilizei integralmente o material. Eu segui o tema das lições - a lição da paz, a lição do abraço... Vi o que podia trabalhar: hoje eu vou fazer a roda de paz, vou contar a historinha que está lá... Até porque o material é para adolescentes entre 11 e 16 anos e o público que eu atendo é de 15 a 23.” (Lúcia, educadora do CJ Riviera)

“As histórias que estão no livro precisaram ser adaptadas para a minha turma. Várias vezes eu adaptei contando do meu jeito. Porque tem muitas crianças que não tinham necessidade de ouvir o que estava ali: criança que mora na rua, que tinha que roubar para comer, que tinha que tomar banho. Eu acho que a realidade da criança do CCA não tem nada a ver com o que está lá no livro.” (Adriana, educadora do CCA Nossa Senhora de Fátima)

“Tivemos muito dificuldade com o livro do Programa. A linguagem utilizada é totalmente outra. Nós, educadores, procuramos nos aproximar da realidade dos jovens. Os textos têm uma linguagem muito diferenciada da deles e nós precisamos fazer essas transformações.” (Paulo, educador de informática do CJ Kagohara).



“O que você faz com a sua experiência, com a sua bagagem? O que você faz com a bagagem do outro, da criança? Então, acho que é na adaptação que os educadores tentam colocar um pouco de si. Porque se estamos falando de valores, precisa vir de dentro. Então o educador precisa colocar um pouco da sua bagagem, ali, no meio daquele trabalho.” (Márcia, educadora da Sociedade Santos Mártires)

No caso das escolas, os professores também avaliam que as adaptações foram necessárias.

“As professoras reclamam muito da sequência. A orientação que nós recebemos era para trabalhar 80% da sequência do livro. E elas se queixam muito de que a sequência é muito longa; de que a sequência para os alunos, às vezes, fica muito chata e os alunos perdem o interesse. Aí, os professores vão adequando. Eles trazem uma atividade diferente, um texto diferente. Tem uma professora que começou a usar o CD com as músicas para fazer aquela atividade de relaxamento, de mentalização com eles depois do intervalo e eles gostaram. Então, ela começou a fazer isso, mesmo sem estar dentro da sequência.” (Joana, coordenadora do Fundamental I da escola Maria Peccioli)

“O professor, às vezes, não trabalha com a lição em si do livro. Ele pega aquela lição e adapta aquilo para outra coisa, para uma música, para um teatro, para um filme, para outra coisa que seja um pouco mais próxima da realidade do aluno. Não dá para trabalhar com o mesmo conteúdo com uma quinta série e com uma oitava série. Nós trabalhamos as lições do livro com atividades direcionadas para cada série. Colocamos uma música, uma letra, alguma coisa que o aluno está acostumado no seu dia a dia para ter uma aceitação maior porque, senão, fica muito penoso e chato para o aluno.” (Vânia, coordenadora do Fundamental II da escola Maria Peccioli).

“Eu percebo que muitas atividades não são adequadas para a nossa faixa etária aqui do Josefina, mas aí a gente tem que adequar. A gente tem que pensar numa outra dinâmica, numa outra atividade semelhante que resulte no mesmo... Então, muitas vezes as atividades não estão adequadas à nossa faixa.” (Solange, professora de uma 4ª série da Escola Josefina Maria)



A falta de material foi outro problema identificado pelos professores e educadores. Segundo eles essa situação prejudicou a aplicação das lições.

“Eu acredito que um desafio que nós estamos enfrentando desde o começo é a falta de material adequado. Como temos poucos exemplares, nós ficamos trocando. E, muitas vezes, falta naquele momento determinado: nós queremos trabalhar ou queremos retomar algum conteúdo e o livro está com a colega.” (Solange, professora de uma 4ª série da Escola Josefina Maria)

“Chegou agora, vai fazer um ano e meio que eu estou trabalhando com minhas crianças e o fantoche chegou esses dias. Então, eu não tinha o material para trabalhar com a criança”. (Adriana, educadora do CCA Nossa Senhora de Fátima)

V – O reconhecimento da importância do trabalho com as famílias

Vários educadores e professores afirmaram que as mudanças esperadas com relação ao desenvolvimento de valores dependem também de um trabalho com as famílias. Consideram que o Programa deveria ser estendido às famílias como uma estratégia para que a escola e a família trabalhassem os valores de forma complementar. Vale a pena registrar que a formação voltada às famílias era uma das ações planejadas inicialmente, mas que não foram implementadas devido a falta de condições concretas.

Uma mãe relata o impacto junto aos pais de alunos da Escola Josefina Maria com relação ao evento realizado no Ibirapuera, organizado pelo Instituto Vivendo Valores em parceria com as escolas e a sociedade Santos Mártires – a Primavera dos Valores. Os vários depoimentos demonstram que de alguma forma o Programa, mesmo que não de uma forma organizada, está alcançando também as famílias.

“Tenho uma criança- um menino- que, quando começa a aprontar, nós conversamos: chamamos a avó, que acaba atrapalhando. Porque [quando isso acontece] ela deixa ele ficar uma semana em casa [sem comparecer no CCA]. E tudo aquilo que eu consegui construir com ele... que eu consegui trabalhar... se perde porque a avó, quando ele



apronta, deixa ele em casa uma semana e [quando] ele volta [está] pior.” (Adriana, educadora do CCA Nossa Senhora de Fátima)

“Eu acho que o que precisa melhorar no projeto é o alcance dos pais. Nas reuniões de pais nós fizemos algumas atividades. Em uma delas eles desenharam os valores com os filhos. Os pais acham interessante quando você coloca alguma atividade para eles fazerem. Eles gostaram muito da discussão sobre a escuta ativa, mas eles precisam entender que isso precisa ser trabalhado em casa, no dia a dia. Dar um reforço no trabalho que fazemos na sala de aula. Bateu no irmão? Para para conversar. Cometeu uma atitude errada? Para para conversar.” (Roberta, professora do ensino fundamental da Escola Maria Peccioli)

“Em uma das reuniões com os pais, nós demonstramos para eles como nós fazemos o trabalho de alfabetização com as crianças. Apresentamos também o Projeto Vivendo Valores. Percebemos que alguns pais achavam que valores eram os bens materiais, o dinheiro. Aproveitamos e fizemos um trabalho com os principais valores. Alguns pais falaram: ‘Ah, era isso que o meu filho estava falando em casa e eu não sabia do que se tratava’. Nesse momento, nós tivemos a oportunidade de fazer uma reunião com os pais visando tanto o projeto pedagógico da escola como o projeto Vivendo Valores, integrando os dois. Eles tiveram a oportunidade de vivenciar o que os filhos estavam aprendendo na escola com relação aos valores.” (Maria da Penha, professora de Leitura e Produção de Textos, do ensino fundamental II da Escola Maria Peccioli.

Francisca, mãe de um aluno da Escola Josefina Maria, é bastante participativa na escola, esteve presente inclusive na primeira capacitação realizada pelo Instituto Vivendo Valores para os professores da escola. Ela faz uma série de relatos importantes com relação à participação dos pais na educação dos filhos, o que levanta idéias sobre possíveis estratégias para o trabalho com as famílias. Relata que *“os pais não se interessam muito pela discussão sobre os valores. Já ouvi muitos pais falarem que os valores não enchem barriga.”* Porém, afirma que o evento realizado no Ibirapuera pelo Programa Vivendo Valores mudou a opinião de vários pais que ela conhece:



“Os pais foram convidados para participarem da festa no Ibirapuera, e os que foram ficaram muito felizes. Como eles não participam, não têm muita noção do trabalho... Mas, quando viram a grandeza daquilo tudo, que aquele pedacinho de pano que o filho dele pintou foi costurado junto aos outros e se transformou naquela bandeira enorme! Nossa! Tinha mãe tão emocionada, chorando...Os pais foram lá para passear e quando chegaram lá levaram um choque de realidade e se surpreenderam. Quando viram aquilo tudo, acho que ficaram muito satisfeitos. Viram crianças de outras escolas, do projeto de dança. O bairro não tem muita coisa para proporcionar, mas o pouco que tem os pais não vão procurar. Deixam a criança largada de qualquer jeito, não vão procurar uma atividade para a criança. Com o evento, descobriram que tinha aquilo tudo e ficaram muito felizes. Só na minha rua tem umas cinco crianças que antes ficavam o dia inteiro na rua e agora estão fazendo aula de informática ou fazendo aula de dança no Centro de Juventude.”

9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implantação da metodologia do Programa Vivendo Valores na Educação em alguns serviços da Sociedade Santos Mártires – Centros da Criança e do Adolescente e Centros da Juventude – teve início em fevereiro de 2010. Porém, no decorrer dos anos de 2010 e 2011 a equipe da Sociedade Santos Mártires, envolvida na aplicação do VIVE, encontrou várias dificuldades, já descritas neste relatório. O mesmo ocorreu com as escolas estaduais parceiras – a Maria Peccioli e a Josefina Maria. Nestas escolas a aplicação das lições do VIVE apenas teve início no mês de outubro de 2010, sendo retomada no início de 2011. Parte das dificuldades encontradas é explicada pela falta de recursos, uma vez que o apoio financeiro ao Projeto só chegou em junho de 2011 – o que justifica a falta temporária de livros e de material pedagógico em relação ao planejado.

Os resultados identificados na presente avaliação representam uma grande conquista, considerando principalmente o contexto difícil e o pouco tempo em que foram gerados. Só nos últimos seis meses do período avaliado o Programa pode contar com recursos financeiros, uma vez que o financiamento do Fumcad chegou em junho de 2011, sendo que o apoio financeiro estava previsto para dois anos.



O monitoramento realizado pela equipe da Sociedade Santos Mártires do progresso das crianças e dos jovens participantes do Programa VIVE com relação às mudanças esperadas apontou vários resultados significativos.

No caso das crianças acompanhadas verificou-se que, apesar do processo não linear e influenciado pelo contexto em que essas crianças estão inseridas, estas apresentaram, no que se refere às mudanças esperadas - entre agosto e dezembro de 2011 - uma variação percentual, que ampliou-se de 77% para 88%.

No caso dos jovens, a variação comportamental foi ainda maior. A presença nas atividades que, segundo o depoimento de vários educadores, foi uma grande dificuldade identificada no início da implantação do Programa, passou de 53% em abril para 73% em dezembro de 2011. A participação nas mesmas passou de 60% para 92%. O indicador considerado pelos educadores como o mais complexo por representar as mudanças mais profundas esperadas - “Reconhecer que pode fazer a diferença através de pequenas ações para a transformação e construção de um mundo melhor” - passou de 17% para 65%.

Os vários depoimentos dos educadores, professores e jovens, coletados durante as entrevistas, apontaram - de forma substantiva - a qualidade dessas mudanças e o quanto esses sujeitos se apropriaram da proposta.

Um dos principais postulados do Programa Vivendo Valores na Educação é que quando as crianças se sentem amadas, respeitadas, valorizadas, entendidas e seguras, irão se mover na direção de seu potencial. Neste sentido, é fundamental para o Programa que os educadores percebam que os estudantes se desenvolvem com mais facilidade numa atmosfera baseada em valores, num ambiente seguro, de cuidado e respeito mútuos. Em vários depoimentos coletados durante as entrevistas apreende-se que esse postulado representou uma das grandes aprendizagens dos educadores a partir de sua participação no Programa:

“Muitas vezes nós somos as pessoas que talvez fiquem mais tempo com eles. Hoje em dia a vida das pessoas é muito corrida. Os pais saem cedo. A gente escuta muito isso



aqui: 'Ah, mas eu saio às 5 horas da manhã e chego à noite'. O tempo que eles estão na escola é o tempo que eles têm conosco, professores. Então, cabe a nós nos aproximarmos um pouco mais dessas crianças. Não visar só o lado pedagógico - eu estou aqui para passar um conteúdo- mas, também, ensinar a questão dos valores. Nós precisamos resgatar isso porque, muitas vezes, eles não sabem mais o que é isso: está perdido. Porque não tem uma pessoa lá fora que possa dar esse apoio, que possa fazer esse resgate. Eu vejo que hoje em dia esse é também o nosso papel. Talvez algum professor ache que não, que o nosso papel é só ensinar o conteúdo. Mas as coisas ficam muito mais fáceis até para ensinar o conteúdo se você está mais próximo dele. Se você conhece, se você sabe o que ele passa, fica mais fácil entender determinadas situações.
(Andréia, professora de Língua Portuguesa e Leitura e Produção de Texto do Fundamental I, da escola Maria Peccioli)

A mesma professora avalia a importância de um ambiente de segurança e respeito para o aluno e o impacto disso na vida da escola: *“Eu estou na escola desde 2007. E eu vou dizer que antes do projeto as coisas aqui já foram bem mais complicadas. Os alunos eram muito arredios, eles não estavam tão próximos de nós como estão hoje. Eu posso dizer de quando entrei aqui – em setembro de 2007, como eventual - era muito difícil porque eles não respeitavam o professor, o que dirá o eventual... E, hoje em dia, a situação é totalmente diferente. Não que a gente não tenha problemas. Mas os problemas são pontuais, são contornáveis. Os alunos estão mais próximos de nós. Eles sentem vontade de vir conversar, de expor coisas, de falar sobre problemas que eles estão passando. Há três ou quatro anos atrás isso não existia aqui.”* (Andréia, professora de Língua Portuguesa e Leitura e Produção de Texto, da escola Maria Peccioli)

Outros depoimentos também indicam o reconhecimento da importância do aluno se sentir respeitado e acolhido.

“Eu percebo que o professor que trabalha com valor está conseguindo atingir o objetivo dele na sala de aula, que é a aprendizagem. Eu tenho uma visão da escola geral. E esse professor que acredita e se preocupa com os valores está conseguindo



desenvolver o seu papel de educador. E o aluno já sabe da responsabilidade dele na sala de aula.” (Júlia, diretora da Escola Maria Peccioli)

Percebe-se também o reconhecimento de que é fundamental, para o estabelecimento desse clima de respeito e acolhimento, que os estudantes sejam reconhecidos como capazes de aprender. Para o Programa VIVE, para a criança desenvolver habilidades positivas e saudáveis de relacionamento com o mundo, ela precisa ter uma auto-imagem positiva e se sentir capaz de fazer escolhas pessoais e sociais baseadas em valores. Para o Programa o vocabulário da criança, sua capacidade de pensar construtivamente e as habilidades de pensamento crítico, se desenvolverão junto ao seu crescimento emotivo e à sua capacidade de estabelecer relacionamentos de confiança e de auto-estima.

“Eu fiquei muito contente com uma aluna, a Stefany, ela dava muito trabalho e mudou. Mudou a partir do comportamento de um professor. Ela fez uma atividade e o professor falou: ‘Ficou muito bom, gostei’. E ela chegou em casa toda encantada e foi falar para a mãe que o professor tinha elogiado o trabalho dela, e que falou que acreditava nela. A partir daí ela começou a mudar. Mudou, inclusive, nas notas. A mãe dela ficou muito contente na reunião do conselho participativo quando a Giovana [diretora da Escola] leu que a aluna só tinha tirado notas azuis. Os professores presentes a elogiaram, falaram que ela havia mudado muito, que está mais interessada, fazendo as tarefas com compromisso.” (Vânia, coordenadora do Fundamental II da Escola Maria Peccioli)

Alguns professores falaram do seu papel no estabelecimento desse ambiente seguro e acolhedor.

“Mas a forma de mudar tem que partir de alguém. E se não partir de nós, vai partir de quem? Somos nós que estamos lá junto com eles. Se nós não resgatarmos os valores para nós e fizermos passar isso para eles, quem vai fazer? Então, a partir do momento em que os professores resolveram se unir e tiveram a consciência de que é em prol do aluno, as coisas começaram a mudar. Alguém tinha que mudar para que houvesse uma mudança neles. E quem disse que não houve uma mudança nessa escola está mentindo ou não está vivendo. Porque ela pode ser mínima, mas houve. E a mudança tinha que partir de quem? Dos professores, de quem está lá com eles, pensando neles. (Maria da



Penha, professora de Leitura e Produção de Textos do Fundamental II da Escola Maria Peccioli)

Para os educadores e os coordenadores da Sociedade Santos Mártires a experiência com a implantação do Programa VIVE confirmou a pertinência de um método de trabalho já desenvolvido pela instituição, no qual a criança e o jovem são reconhecidos como capazes de realizar escolhas sociais positivas - mesmo estando em um contexto de alta vulnerabilidade - na medida em que são tratados com respeito e que tenham seus potenciais reconhecidos e valorizados.

Alguns dos educadores entrevistados dessa instituição contaram sobre um jovem que estava participando das atividades da instituição e que ao completar 18 anos - a menos de um mês antes da entrevista - havia sido preso. Ao sair da prisão, logo em seguida, cumprindo medida de Liberdade Assistida, voltou na mesma semana a participar das atividades da instituição. Ao retornar ao espaço, os colegas de sala sabiam que ele tinha sido preso, mas ninguém fez chacota dessa situação e o receberam dignamente. Os educadores entrevistados reconheceram que o comportamento desse jovem e de seus colegas foi resultado da postura da instituição que se coloca como uma comunidade educativa e acolhedora.

O que se percebe em diversas falas, tanto de educadores como de professores, é o reconhecimento de que para a criança e o jovem mudarem, é necessário que a instituição também mude e se transforme em um lugar seguro e acolhedor. Apreende-se que este foi o maior resultado alcançado pelo Programa VIVE até o momento.

Com relação aos desafios identificados, conforme já relatado, destaca-se a busca pela incorporação da metodologia do VIVE no currículo e no projeto político pedagógico das instituições parceiras. Segundo Tillman, D. e Colomina, P Q., em umas das principais publicações do VIVE, “a verdadeira educação baseada em valores não é algo a ser feito em uma semana; atinge seu apogeu quando integrada à experiência diária da sala”.



Verificou-se, no entanto, que escolas e instituições não dispõem ainda de condições regulares para a aplicação planejada, sistemática e abrangente de um programa de educação em valores. O fato dessas instituições não terem este tipo de programa incluído em sua grade normal de atividades, dificulta que as equipes tenham condições para uma disponibilidade de tempo adequada.

A observação acima leva a considerar que a incorporação da educação em valores como uma prioridade nas políticas sociais, particularmente nas políticas educacionais e nas políticas de financiamento de projetos, criará melhores condições para o pleno desenvolvimento de programas com este fim.

As adaptações à metodologia que foram implementadas pelos educadores das três instituições precisam ser avaliadas pela equipe do Instituto Vivendo Valores, para que a essência e a filosofia desta metodologia não sejam perdidas. Neste sentido, as reflexões dos educadores acerca da formação inicial e continuada, oferecidas pelo Instituto, são fundamentais. Essa formação é imprescindível para que o Programa seja compreendido plenamente por aqueles que estão se dispondo a implantá-lo e para que as adequações necessárias sejam feitas com maior autonomia e segurança.

Por fim, considerando-se a perspectiva do Instituto Vivendo Valores, que é contribuir para a formulação de políticas públicas que incorporem a dimensão dos valores no processo educativo, vale a pena chamar a atenção para o debate atual sobre a formulação e implementação de políticas, com um referencial para essa perspectiva.

Alguns estudiosos de políticas públicas defendem uma distinção clara entre a formulação e a implementação de políticas. Definem o processo de implementação como “as ações de indivíduos (ou grupos) privados ou públicos, direcionados à consecução de objetivos previamente estipulados por decisões políticas”. Neste sentido, temos dois atores importantes para o sucesso da política: o formulador e o implementador. Nesta perspectiva, estes autores chamam a atenção para a lacuna que pode ocorrer entre a formulação e a implementação e o déficit que se acumula quando a cooperação entre o formulador e o implementador não é perfeita. Esses estudos apontam para a existência de lacunas de implementação, ou seja, mudanças ocorridas entre os objetivos iniciais e os resultados finais. Defendem ainda que, em contextos em que a



política é transformada em ação, o mais realista não é mostrar as deficiências de implementação em comparação com o modelo inicial, e sim recriar as políticas a partir desses contextos. (Hill, 2006, p.63).



10 –REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Myrian Veras. Planejamento Social: intencionalidade e instrumentação. São Paulo: Veras Editora; Lisboa: CPIHTS, 2000.

EARL, S.; CARDEN, F; SMUTYLO, T.; (autores da versão original em inglês). Editora da FURG (responsável pela publicação da versão em Português). Mapeamento das Mudanças Alcançadas: Construindo Aprendizagem e Reflexão em Programas de Desenvolvimento. Editora da FURG, Rio Grande

HILL, Michael, 2006. “Implementação: Uma Visão Geral” in Políticas Públicas Coletânea/ Organizadores: Enrique Saravia e Elisabete Ferrarezi. – Brasília: ENAP.

MONTEIRO FILHO, Maurício. Repórter Brasil: Das manchetes policiais para a revolução social, 2006. <http://www.nevusp.org> - acessado em 5/4/10.

SILVA E SILVA, Maria Onazira da Silva (org.). Avaliação de Políticas e Programas Sociais: teoria e Prática. São Paulo: Veras Editora, 2001.

SILVA E SILVA, Maria Onazira (org.). Pesquisa Avaliativa: aspectos teórico-metodológicos. São Paulo: Veras Editora, 2008.

TILLMAN, Diane e COLOMINA, Pilar Quera. Guia de Capacitação do Educador. São Paulo: Confluência, 2004

TILLMAN, Diane. Atividades de Vivências de Valores para Crianças de Rua ou em Situação de Risco de 7 a 10 anos. Publicação utilizada pelos educadores que participam do Treinamento Oficial do VIVE.

TILLMAN, Diane. Atividades de Vivências de Valores para Crianças de Rua ou em Situação de Risco de 11 a 16 anos. Publicação utilizada pelos educadores que participam do Treinamento Oficial do VIVE.



SITES ACESSADOS EM OUTUBRO DE 2010 PARA COMPOR O TEXTO SOBRE A HISTÓRIA DO JARDIM ÂNGELA:

CONSEG - Jardim Ângela (SP) realiza conferência sobre segurança pública – 2009 - <http://www.conseg.gov.br>

CONSEG – 1º Conseg mobiliza população do Jardim Ângela, em São Paulo - 2009 - <http://www.conseg.gov.br>

DIMENSTEIN, Gilberto. Jardim Ângela vira modelo para São Paulo – 2005 - <http://www1.folha.uol.com.br/folha>

FUNDAÇÃO SEADE - Jardim Ângela: contrariando a estatística – 2007 - <http://nbjolpuc.wordpress.com>

INSTITUTO SOU DA PAZ - Homicídio cai pela primeira vez desde 97 em São Paulo – 2002 - <http://www.soudapaz.org>

INSTITUTO SOU DA PAZ - Homicídios caem 73,3% no Jardim Ângela – 2002 - <http://www.soudapaz.org>

INSTITUTO SOU DA PAZ - Receita simples contra a violência- 2002 - <http://www.soudapaz.org>

INSTITUTO SOU DA PAZ - Organizações ajudam a “pacificar” o Jardim Ângela – 2001 - <http://www.soudapaz.org>

INSTITUTO SOU DA PAZ - Jardim Ângela dá a volta por cima na violência e muda sua história – 2001 - <http://www.soudapaz.org>

MAGGI, Letícia. De fila de cadáveres a dois anos sem chacina - 2010 - <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/SP>



NOSSA SÃO PAULO - Jardim Ângela recorre à justiça para garantir direitos – 2008 - <http://www.nossasaopaulo.org.br>

NOSSA SÃO PAULO - Reivindicação feita pelo Fórum em Defesa da Vida à prefeitura – 2008 - <http://www.nossasaopaulo.org.br>

SANTOS MÁRTIRES- Dados Gerais - <http://www.santosmartires.org.br> - acessado em 10/5/10

SEBRAE - Sebrae em São Paulo faz diagnóstico socioeconômico do Jardim Ângela – Levantamento aponta que mais de 65% dos empreendimentos do distrito da periferia de São Paulo são informais - 2005 - <http://www.notadez.com.br/content/noticias>



11- CRÉDITOS

Realização da Pesquisa:

Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente - Neca

Pesquisadores:

Maria do Carmo Krehan

Maria Lúcia Gulassa

Milton Fiks

Myrian Veras Baptista

Tabulação dos dados:

Ana Maria Zagatti de Souza

Assessoria

Myrian Veras Baptista

Texto:

Maria do Carmo Krehan



12 - ANEXOS

Anexo I

Relatório sobre o desenvolvimento das oficinas preparatórias da avaliação do Programa Vivendo Valores na Sociedade Santos Mártires

Apresentação:

As oficinas preparatórias para a avaliação da experiência do Programa Vivendo Valores desenvolvido na Sociedade Santos Mártires são requisitos necessários para a execução da proposta apresentada pelo NECA para o ‘mapeamento das mudanças alcançadas’. Esta proposta tem por base a metodologia desenvolvida pelo Canada’s International Development Research Centre (IDRC) denominada *Outcome Mapping: Building Learning and Reflection into Development Programs*.

Para iniciar o processo de preparação da avaliação da experiência do Programa Vivendo Valores, desenvolvida na Sociedade Santos Mártires desde maio de 2010, foram realizadas quatro oficinas com quatro horas de duração cada uma, sendo que os horários foram alternados, das 08h30 às 13h ou das 13h às 17h.

A primeira oficina foi realizada no dia 23 de agosto, a segunda foi realizada em 30 de agosto, a terceira realizada em 10 de setembro, e a última aconteceu no dia 20 de setembro. Participaram dessas oficinas 12 educadores, todos relacionados à ação complementar à escola desenvolvida pela Sociedade Santos Mártires.

A organização e realização das oficinas contou com a participação de Maria do Carmo Krehan, Maria Lúcia Gulassa, Milton Fiks e Myrian Veras Baptista, membros da equipe do Neca responsável por esta avaliação.

Participaram do processo educadores dos Centros:

Centro da Criança e do Adolescente Riviera



Centro da Criança e do Adolescente Alto Riviera

Centro da Criança e do Adolescente Nossa Senhora de Fátima

Centro da Criança e do Adolescente São José Operário

Centro da Juventude Riviera

Centro da Juventude Kagohara

Centro da Juventude Ranieri

Objetivo Geral das Oficinas:

Estas oficinas objetivam preparar o processo de avaliação e, ao mesmo tempo, desenvolver o interesse e a capacidade de compartilhamento dos pesquisadores e executores da formação no compromisso com a empreitada da avaliação. Objetivam também dar unidade ao processo uma vez que os seus diferentes parceiros operam sistemas lógicos relacionados a responsabilidades diferentes, as quais tendem a limitar sua visão e escopo, ligando-os expressamente às atividades para as quais foram instituídos.

Estratégias:

No sentido de propiciar um ambiente de produção de conhecimentos, propício para definição e operação de estratégias de monitoramento e de avaliação da experiência do Programa Vivendo Valores na Sociedade Santos Mártires, foram assumidas as seguintes estratégias operacionais:

- 1) Informar a equipe sobre a metodologia adotada e a concepção de avaliação utilizada;
- 2) Sensibilizar e informar os educadores com relação aos principais conceitos da metodologia;
- 3) Elaborar, em parceria com a equipe de educadores, as principais estratégias de monitoramento e avaliação;
- 4) Incentivar o compromisso dos educadores para com a coleta de dados.

Desenvolvimento das oficinas

1ª Oficina



A primeira oficina teve início com a apresentação dos participantes. Cada educador apresentou outro educador indicando o valor que percebia nele que lhe parecia mais significativo. Os valores que surgiram nessa apresentação foram: relacionamento, acolhimento, cuidado, atenção, cumplicidade, generosidade, amor, paciência, carinho, perseverança, solidariedade e sinceridade - sendo que os dois últimos apareceram duas vezes.

Em seguida, a professora Myrian Veras Baptista apresentou a metodologia do Outcome Mapping (Mapeamento das Mudanças Alcançadas), que será utilizada na avaliação. Em sua apresentação destacou os seguintes temas:

O que é o método para mapeamento de mudanças alcançadas

O mapeamento de mudanças alcançadas é um método participativo para planejamento, monitoramento e avaliação de mudanças alcançadas por um determinado programa: focaliza pessoas e grupos com os quais um programa trabalha diretamente e detecta um tipo de resultado específico: as mudanças de comportamento, de relacionamento e de ações.

O significado de mapa (mapeamento) nessa metodologia

“Imagine um mapa... desenhado de cabeça e não tirado de um atlas. Ele é composto de lugares fortes, costurados entre si pelos vívidos fios de jornadas transformadoras.”

John Tallmadge, Meeting the Tree of Life

(Encontrando a árvore da vida) – (1997: IX)

Mapas são guias cognitivos que nos localizam e ajudam a descobrir onde estamos em relação a onde estivemos e a planejar para onde vamos. É, portanto, uma metáfora apropriada para nos guiar no desenvolvimento de uma jornada no território do desvelamento das mudanças alcançadas.



O significado e a natureza das mudanças

A metodologia do Mapeamento de Mudanças Alcançadas enfoca um tipo de resultado específico: as **mudanças de comportamento, de relacionamento, de atividades ou de ações**.

Para compreendê-las precisa-se ter clareza que essas mudanças ocorrem no contexto das relações sociais. Nesse sentido sua natureza é:

- **complexa** - elas expressam comportamentos resultante da diversidade de confluências de determinações, de fatos, de relações e de sujeitos;
- **não linear**: suas expressões são diversificadas, inesperadas, emergentes, descontínuas, cumulativas;
- **contraditória**: a polarização de suas expressões, em lugar de se excluírem, supõem-se mutuamente;
- **influenciável**: são sujeitas a múltiplas influências, muitas delas independentes do controle do educador.

Na sequência, a equipe de educadores colocou que espera que a avaliação proposta:

- identifique os resultados da ação;
- contribua para a melhoria da qualidade da ação desenvolvida;
- proporcione crescimento aos atores envolvidos;
- produza conhecimento e aprendizado;
- identifique e julgue o mérito da ação e os seus pontos fortes e fracos, considerando o compromisso e a participação da equipe envolvida,
- proporcione uma retrospectiva da ação e estimule uma observação mais crítica do cotidiano do trabalho que vem sendo realizado.

Antes de estudar o presente e projetar o futuro, a equipe dos educadores foi convidada a relembrar a sua história.

Este momento inicia-se com Maria Lúcia Gulassa fazendo a leitura da história do Guilherme Augusto de Araújo Fernandes.

Mem Fox

Julie Vivas



Guilherme Augusto Araújo Fernandes

BRINQUE-BOOK

Neste livro o autor conta que Guilherme Augusto Araújo Fernandes morava ao lado de um asilo de velhos e que os conhecia a todos pelas características que os identificavam. Um dia, descobriu que D. Antônia estava perdendo a memória, foi buscar saber o que é a memória. Descobriu que era algo bem antigo, algo quente, algo que o faz chorar, algo que o faz rir, algo que vale ouro. Foi, então, procurar dentre seus pertences coisas que tivessem estas características para levá-las para D. Antônia. E D. Antônia, lembrando das coisas, recupera a memória, o que traz de volta a sua identidade. Maria Lúcia Gulassa reflete que a memória é algo que dá continuidade, que recupera o



que estava desaparecendo, que dá unidade quando há ruptura, que explica quando há perguntas.

Estimulados com essa discussão, no trabalho em grupo, os educadores contam histórias vividas no bairro, lembranças da violência, difíceis de serem vividas por todos. Contam que esse cenário foi se modificando com a mobilização das pessoas da comunidade - fóruns, movimentos, passeatas - e com a implantação de serviços públicos, que vão tornando o bairro um lugar melhor para sua população, atendendo melhor suas necessidades de educação, de saúde, de segurança, construindo condições para uma maior qualidade de vida e de paz. Na apresentação, os dois grupos mostram a dinâmica dos acontecimentos que foram construindo a história do Jardim Ângela. Essa história foi narrada de duas maneiras: uma linha do tempo - com identificação de datas - e uma progressão de acontecimentos, com ênfase no movimento da mudança.

O primeiro grupo fez uma progressão da história do bairro, agrupando os acontecimentos por década:

Década de 1980 – início da construção da identidade dos moradores em sua relação com o bairro, tendo a Igreja como o “lugar comum” de referência, para operários, metalúrgicos, imigrantes...

Década de 1990 – Entra em discussão o alto índice de violência do bairro. A população se preocupa com a falta de acesso a saneamento básico, iluminação, educação, ausência do poder público.

São iniciados os fóruns, espaços de mobilização popular. A população consegue maior estabilidade da economia local, melhoria no transporte, na educação, no mercado de trabalho.

Início da década de 2000 – Ampliação de políticas sociais públicas.

2007 - Divisão das Paróquias Santos Mártires e Jd. Ângela, o que ocasionou perda de projetos e de espaços. Fechamento do CRECA local.

2008 – Inauguração do Hospital M'Boi Mirim

2010 - Memória curta – A comunidade se divide entre Fújões (aqueles que saem ou sonham em sair da região) e Periféricos Convictos (aqueles que defendem e sentem orgulho de morar no Jardim Ângela). Um fenômeno recente apontado pelo grupo são os jovens voltados para a mobilização cultural.



O segundo grupo em sua narrativa dá ênfase à dinâmica do processo, situando-a também por décadas:

Década de 70: o Jardim Ângela, é identificado como o bairro mais violento do mundo, há 40 anos atrás.

Década de 80: a paróquia de Santos Mártires mobiliza a população. São realizados fóruns, manifestos, projetos, que transformaram o Jardim Ângela, reduzindo a violência e transformando vidas (Década de 60 até 2000). Este esforço tem o reconhecimento do mundo, e o bairro recebe vários prêmios, por sua conquista na área dos direitos humanos e da valorização da vida.

Os depoimentos dos educadores mostram um bairro e uma instituição com uma história de conquistas e lutas por uma sociedade melhor, de articulação em busca de uma sociedade mais justa, com menos violência e cercada de valores. Detectam os valores presentes nessa história: força, determinação, perseverança, luta, solidariedade, esperança, alegria. Ambos os grupos detectam também, nos últimos anos, indícios de polarizações e de possíveis reversões nesse processo.

2ª Oficina

A segunda oficina centrou-se na retomada dos objetivos do Programa Vivendo Valores - já trabalhados anteriormente na capacitação realizada pelo Instituto Vivendo Valores no início da implantação do Programa. Para tanto, Rodrigo Brito, do Instituto Vivendo Valores, fez uma breve apresentação do Programa, onde foram destacados primeiramente os *Valores Universais fundamentais para a construção de mundo melhor*: Paz, Respeito, Cooperação, Liberdade, Felicidade, Honestidade, Humildade, Amor, Responsabilidade, Simplicidade, Tolerância e União.

Em seguida, foram postos em evidência os **propósitos do Programa Vivendo Valores** nessa intervenção: Proporcionar princípios orientadores e ferramentas para o desenvolvimento integral da pessoa, reconhecendo que o indivíduo é composto pelas dimensões física, intelectual, emocional e espiritual.



Nesse mesmo sentido, foram evidenciados os ***objetivos do Programa Vivendo Valores:***

- Ajudar indivíduos a pensar e refletir sobre diferentes valores e as implicações práticas de expressá-los em relação a si mesmos, aos outros, à comunidade e ao mundo em geral.
- Aprofundar o entendimento, a motivação e a responsabilidade com relação a fazer escolhas pessoais e sociais positivas.
- Inspirar indivíduos a escolherem seus próprios valores pessoais, sociais, morais e espirituais, e a estarem cientes de métodos práticos para desenvolvê-los e aprofundá-los.
- Encorajar educadores e cuidadores a olharem para a educação como provendo aos estudantes uma filosofia de vida, por meio disso facilitando seu crescimento geral, desenvolvimento e escolhas, de modo que eles possam integrar-se na comunidade com respeito, segurança e propósito.

No debate realizado em seguida à exposição desses propósitos e objetivos, os educadores relataram várias experiências de sala de aula que expressam mudanças já vivenciadas pelas crianças, adolescentes e jovens.

Dando continuidade à oficina, foi apresentado ao grupo o conceito de parceiro próximo utilizado pelo Outcome Mapping: *Parceiros Próximos são as pessoas, grupos ou organizações com quem o programa interage diretamente e com quem o programa pode antever oportunidades de influência.* No caso do Programa Vivendo Valores foram identificados como parceiros próximos as crianças até 12 anos, os adolescentes entre 12 e 14 anos, os jovens entre 15 e 23 anos, os educadores que estão aplicando a metodologia do VIVE e os demais profissionais da instituição. O grupo avaliou que outros atores são importantes para o desenvolvimento da criança, a família e a escola, e que ambos deveriam também ser atingidos pelo Programa.

Na metodologia que está sendo operada, para cada parceiro próximo são esperadas mudanças específicas como resultados da ação desenvolvida. No Outcome Mapping as *mudanças pretendidas são os efeitos do programa estar lá, com um enfoque em como os atores se comportam como resultado de terem sido atingidos. Uma mudança*



pretendida descreve como o comportamento, os relacionamentos, as atividades e as ações de um indivíduo, grupo ou instituição mudarão se o programa obtiver grande êxito.

Para identificar as mudanças pretendidas para cada parceiro próximo do Programa, foram identificados, como exemplo inicial, alguns comportamentos atuais das crianças, que os educadores gostariam de ver modificados com a ação desenvolvida:

- brigas entre elas na sala de aula, no intervalo, nas atividades recreativas, na família;
- falta de cuidado com o meio;
- falta de respeito pela vez do outro e pelo que é do outro: tomam o que é do outro, não cuidam do outro;
- xingamentos e apelidos;
- gritaria como forma de expressão;
- falta de hábito de pedir favor e agradecer;
- não se sentem valorizadas.

A partir dessa identificação, o grupo refletiu sobre a mudança esperada para as crianças. A redação final dessas mudanças pretendidas foi:

O programa pretende que as crianças entendam a diferença que se coloca na relação com o outro e que busquem a solução ou a superação por meio da palavra e do diálogo. Que as crianças cuidem melhor do ambiente, percebendo que as pessoas e os animais são seres que sentem, e que o ambiente precisa ser preservado. Percebam o outro nas suas necessidades, seus sentimentos e no seu jeito de ver as coisas. Relacionem-se com o outro sem desqualificá-lo e sem identificá-lo com algo ou alguém de menor valor, estabelecendo uma relação de igualdade, reconhecendo o direito do outro de ser respeitado e valorizado. Reconheçam a importância do cuidado que as pessoas têm umas com as outras. Se comportem de acordo com os diferentes espaços e situações tendo como parâmetro o respeito pelo outro. Se sintam valorizados, percebendo suas características, qualidades, seu potencial e aquilo que fazem bem. Se sintam parte do grupo.



3ª Oficina

Na 3ª oficina foi dada continuidade à identificação das mudanças pretendidas. Os educadores foram divididos em três grupos para analisarem as mudanças a serem alcançadas pelos adolescentes, pelos jovens e pelos próprios educadores.

Cada grupo reuniu-se separadamente e, depois apresentou aos demais os comportamentos atuais e as mudanças esperadas.

1º grupo:

Comportamentos atuais dos adolescentes:

- ansiedade excessiva na fala, nas horas de refeição;
- correrias em ambientes de forma inadequada;
- banalização da sexualidade, na paquera, nas vestimentas;
- uso inadequado (ou excessivo?) de palavras de baixo calão;
- brigas, conflitos de grupos, lideranças negativas;
- substituição da valorização do ser pelo ter: consumismo, amizades interesseiras;
- dificuldade para aceitar diferenças;
- valorização da criminalidade;
- falta de cuidado com os pertences do outro.

Mudanças esperadas:

O Programa pretende que os adolescentes possam demonstrar atitudes que contribuam para estabelecer um ambiente de tolerância e paz interior, que percebam a liberdade como uma escolha de responsabilidade em relação ao outro. Que valorizem o ser humano em suas relações afetivas, promovendo respeito independente de situação social, raça, credo e opção sexual. Que os adolescentes possam conviver harmoniosamente suas relações de amizade na comunidade e que a honestidade seja sólida na vida dos mesmos.

2º grupo:

Comportamentos atuais dos jovens:



- pouca participação (vergonha);
- vocabulário inadequado e de baixo calão;
- falta de respeito com o próximo;
- baixa autoestima;
- dificuldade para aceitar a diferença do outro;
- reprodução acrítica do comportamento da família;
- dificuldade para lidar com a sexualidade;
- comportamento arreadio (sistema de defesa)

Mudanças esperadas:

O Programa pretende ver os jovens com a autoestima elevada e com auto-reflexão para a construção da sua personalidade, expressando-se de forma livre, entendendo e respeitando a diferença do outro. Jovens gentis e educados que saibam lidar de forma respeitosa na busca de companheiros (as) sem banalizar a sexualidade.

3º Grupo:

Na reflexão sobre as mudanças relacionadas aos educadores, o grupo deteve-se apenas na elaboração das mudanças pretendidas:

O Programa pretende que os educadores reconheçam a compreensão e o diálogo como essenciais na relação com as crianças, adolescentes e jovens e com a equipe de educadores diretos e indiretos. Que entendam a realidade e a dinâmica do público atendido e desconstruam rótulos, atuando com respeito, paciência e amor. Que respeitem as formas de trabalho de cada um e as diferentes potencialidades, reconhecendo que o trabalho funciona melhor em equipe e de forma cooperada. Que tenham compromisso tanto com as ações burocráticas e organizacionais quanto com as ações pedagógicas e de valorização do ser humano. Que entendam que eles são referências de valor para o público atendido.

Ainda nesta oficina foi iniciada uma discussão sobre os sinais de progresso, considerado pelo Outcome Mapping como um conjunto de sinais (ou de indicadores) que



representam um modelo de mudança para o parceiro próximo, ressaltando a profundidade e a complexidade da mudança esperada.

Na continuidade foi visto que, para a construção dos sinais de progresso, deve-se considerar:

- O mínimo que se espera ver como uma resposta inicial às atividades do Programa;
- O que se gostaria de ver, que indica maior aprendizagem ativa ou engajamento;
- O que se adoraria ver como sinal de maior transformação.

Ao final do encontro os educadores foram divididos em quatro grupos com a tarefa de iniciar a identificação, a partir das mudanças pretendidas, dos sinais de progresso já observados com relação ao desenvolvimento das crianças, dos adolescentes, dos jovens e dos próprios educadores.

Foram identificados progressivamente: o mínimo que se esperava ver, passando para o que se gostaria de ver acontecendo e, finalmente, para o que se adoraria vê-los fazendo como sinal de que o programa estava tendo mesmo uma influência profunda.

A maioria dos grupos finalizou o exercício solicitado ao final da 3ª Oficina durante a semana seguinte e enviou seus resultados para a equipe do Neca, o que facilitou a avaliação dos sinais de progresso identificados pelos educadores e a preparação da quarta e última oficina de avaliação.

4ª Oficina

Para o quarto encontro priorizou-se a complementação e ampliação da elaboração dos sinais de mudança dos quatro parceiros próximos: as crianças, os adolescentes, os jovens e os educadores, elaborados na oficina anterior.

A partir do material produzido e apresentado em plenária no final da oficina, a equipe do Neca ajustou os sinais de progresso identificados, conforme registrado a seguir. No



primeiro encontro de monitoramento a ser realizado no mês de outubro, a equipe dos educadores aprovará o texto final.

SINAIS DE PROGRESSO

EDUCADORES

O QUE ESPERAMOS

- Estar preparado para motivar o público para ter dele a atenção necessária.
- Entender o Programa Vivendo Valores. Precisam dominar a metodologia para poder fazer as adaptações adequadas.
- Estar preparado para planejar as aulas.

O QUE GOSTARÍAMOS DE VER

- Respeitar o espaço do outro e a condição individual de cada um, para que também seja respeitado.
- Saber lidar com os desafios postos pelo trabalho de forma pacífica, tolerante e criativa.
- Propor atividades novas, sendo dinâmico e entusiasmado.
- Desenvolver sua capacidade de se adaptar a novas experiências/situações que aparecem no dia-a-dia.
- Ter clareza de seu papel.
- Desenvolver sua capacidade de diferenciar o cuidar do educar.
- Acreditar que a mudança é possível, mesmo que ela não ocorra de imediato.

O QUE ADORARÍAMOS VER

- Educadores atuando com união e cooperação.
- Entendendo o ser humano como um todo.
- Desenvolvendo sua capacidade de escutar ao invés de julgar.

JOVENS

O QUE ESPERAMOS VER

- Ter maior presença, participação e respeito pela atividade preparada pelo educador.
- Sentir-se valorizado e importante.
- Passar a respeitar a fala do outro, sem desqualificar a sua forma de expressão.



O QUE GOSTARÍAMOS DE VER

- Relacionar-se com todo o grupo da mesma forma, sem discriminação.
- Demonstrar maior solidariedade fora do seu círculo de amizade.
- Desenvolver maior interesse pelas atividades.
- Perceber a importância da cooperação (que todos precisam uns dos outros).

O QUE ADORARÍAMOS VER

- Reconhecer que pode fazer a diferença através de pequenas ações no sentido da transformação e construção de um mundo melhor.

ADOLESCENTES

O QUE ESPERAMOS VER

- Reconhecer a importância de construir e respeitar os combinados e regras estabelecidas para o grupo.
- Prestar atenção nas propostas e atividades.
- Fazer a sua inscrição e esperar a vez para expor suas ideias.
- Escutar e respeitar a opinião dos participantes.
- Não tirar o sarro dos colegas quando há envolvimento afetivo.
- Evitar apelidos depreciativos durante as atividades.
- Pensar sobre os preconceitos.

O QUE GOSTARÍAMOS DE VER

- Cumprir os combinados e regras introjetados e assimilados sem necessidade de coerção.
- Confiar no grupo e se colocar de forma mais aberta para viver experiências coletivas.
- Participar ativamente com comentários, depoimentos, experiências de vida.
- Escutar e valorizar as opiniões dos outros, conseguindo reproduzir as experiências positivas que o outro traz.
- Saber se colocar ao falar e ter clareza na argumentação.
- Saber escolher o que é melhor para si.
- Trocar e demonstrar afeto pelos colegas de uma forma assertiva.
- Parar para pensar antes de agir compulsivamente como resposta às frustrações.
- Pensar e agir evitando o preconceito.

O QUE ADORARIAMOS VER

- Procurar sempre construir combinados e regras justas por iniciativa própria.
- Procurar conscientizar os outros da importância dos combinados e regras justas.



- Escutar, valorizar e dialogar com os demais indivíduos.
- Ter clareza na argumentação e buscar o consenso respeitando as singularidades.
- Saber escolher o que é melhor para si e para os outros.
- Abrir mão do desejo particular em prol da coletividade.
- Agir de uma forma inclusiva.
- Ter autoestima suficiente para perceber o outro.
- Ter empatia pelo outro.
- Expressar a insatisfação e mobilizar os colegas diante de preconceitos



Anexo II

Crianças Diário de Mudanças Alcançadas		
Data da aplicação do Diário:		
Nome do educador:		
Nome da Criança:		
Sinais de Progresso (*)	Sim	Não
Espera Ver		
Aumento de atenção e concentração.		
Ouvir mais os outros principalmente nas propostas ou apresentações.		
Aprender as atividades propostas pelo Vive.		
Demonstrar atitudes de respeito e polidez (por favor, muito obrigada).		
Gostar e valorizar o que está fazendo, apropriando-se da sua capacidade/potencial (ex.: quando mostra sua produção para os outros, quando quer dar continuidade à atividade).		
Colaborar, cooperar, cuidando e ajudando o outro (como, por exemplo, no horário de leitura, de saída e almoço, etc.).		
Expressar afeto mais livremente		
Gostaria de Ver		
Perceber pertencimento através do que é de cada um (respeito com as coisas dos outros)		
Diferenciar realidade de fantasia, podendo vivenciar/usufruir cada uma destas situações (mentira).		
Concentrar-se nas atividades		
“Abrir o coração” falando mais profundamente de si próprio, desenvolvendo facilidade de expressão e autovalorização.		
Perceber o que se espera deles.		
Organizar o ambiente depois de usá-lo (em oposição à bagunça)		
Diminuir/abandonar xingamento e apelidos depreciativos.		
Adoraria Ver		
Valorizar e reconhecer o outro sem desqualificá-lo		
Respeitar o meio ambiente, percebendo que todos os seres merecem ser cuidados		



1) Descrição da mudança:

2) Fontes de provas:

3) Mudanças não esperadas:

4) Aprendizados e mudanças/alterações indicadas:

Espaço para as respostas e/ou outras observações (Caso necessário, use o verso da página)

(*) o preenchimento para cada sinal será "sim" quando a criança já apresenta o comportamento/sinal indicado ou "não" quando não apresentar o comportamento indicado.



Diário de Mudanças Alcançadas - Adolescente		
Data da aplicação do Diário:		
Nome do educador:		Turma:
Nome do Adolescente:		
Sinais de Progresso (*)	Sim	Não
Espera Ver		
Reconhecer a importância de construir e respeitar os combinados e regras estabelecidas para o grupo.		
Prestar atenção nas propostas e atividades.		
Fazer a sua inscrição e esperar a vez para expor suas ideias.		
Escutar e respeitar a opinião dos participantes.		
Não tirar o sarro dos colegas quando há envolvimento afetivo.		
Evitar apelidos depreciativos durante as atividades.		
Pensar sobre os preconceitos.		
Gostaria de Ver		
Cumprir os combinados e regras introjetados e assimilados sem necessidade de coerção.		
Confiar no grupo e se colocar de forma mais aberta para viver experiências coletivas		
Participar ativamente com comentários, depoimentos, experiências de vida.		
Escutar e valorizar as opiniões dos outros, conseguindo reproduzir as experiências positivas que o outro traz.		
Saber se colocar ao falar e ter clareza na argumentação.		
Saber escolher o que é melhor para si.		
Trocar e demonstrar afeto pelos colegas de uma forma assertiva.		
Parar para pensar antes de agir compulsivamente como resposta às frustrações.		
Pensar e agir evitando o preconceito.		
Adoraria Ver		
Procurar conscientizar os outros da importância dos combinados e regras justas		



Escutar, valorizar e dialogar com os demais indivíduos.		
Ter clareza na argumentação e buscar o consenso respeitando as singularidades		
Saber escolher o que é melhor para si e para os outros		
Associar o desejo particular e o desejo da coletividade		
Agir de uma forma inclusiva		
Ter empatia pelo outro		
Expressar a insatisfação e mobilizar os colegas diante de preconceitos		
1) Descrição da mudança:		
2) Fontes de provas:		
3) Mudanças não esperadas:		
4) Aprendizados e mudanças/alterações indicadas:		
Espaço para as respostas e/ou outras observações (Caso necessário, use o verso da página)		

(*) o preenchimento para cada sinal será "sim" quando a criança já apresenta o comportamento/sinal indicado ou "não" quando não apresentar o comportamento indicado.



Diário de Mudanças Alcançadas - Jovens		
Data da aplicação do Diário:		
Nome do educador:		Turma:
Nome do Jovem:		
Sinais de Progresso (*)	Sim	Não
Espera Ver		
Ter maior presença nas atividades desenvolvidas		
Ter maior participação nas atividades desenvolvidas		
Ter maior respeito pela atividade preparada pelo educador.		
Sentir-se valorizado e importante		
Passar a respeitar a fala do outro, sem desqualificar a sua forma de expressão.		
Gostaria de Ver		
Relacionar-se com todo o grupo da mesma forma, sem discriminação.		
Demonstrar maior solidariedade fora do seu círculo de amizade.		
Desenvolver maior interesse pelas atividades.		
Perceber a importância da cooperação (que todos precisam uns dos outros).		
Adoraria Ver		
Reconhecer que pode fazer a diferença através de pequenas ações para transformação e construção de um mundo melhor.		
1) Descrição da mudança:		
2) Fontes de provas:		
3) Mudanças não esperadas:		
4) Aprendizados e mudanças/alterações indicadas:		
Espaço para as respostas e/ou outras observações (Caso necessário, use o verso da página)		

(*) o preenchimento para cada sinal será "sim" quando a criança já apresenta o comportamento/sinal indicado ou "não" quando não apresentar o comportamento indicado.



Anexo III

Roteiro das Entrevistas da Avaliação do Programa Vivendo Valores

A avaliação terá como uma das formas de coleta de dados a realização de entrevistas coletivas com até sete participantes.

As entrevistas serão semiestruturadas e abertas de forma a captar posicionamentos do grupo com relação a debates e discussões ocorridas durante a entrevista.

Entrevista com os responsáveis pela capacitação realizada para os educadores da Sociedade Santos Mártires (SSM) e para os professores das escolas:

- 1) Qual o papel de vocês no Programa Vivendo Valores?
- 2) Qual a proposta de capacitação do Programa Vive?
- 3) Como foi a capacitação na SSM e nas escolas? *Para o Vive o treinamento do professor é um fator crítico no sucesso da implementação do Programa. A formação oferecida foi suficiente neste sentido?*
- 4) Quais as dificuldades enfrentadas e as soluções encontradas?
- 5) Quais as mudanças que vocês esperam com relação aos professores/educadores capacitados?
- 6) Na avaliação de vocês, a capacitação deu conta das mudanças esperadas?

Entrevista com os coordenadores do Programa Vivendo Valores:

- 1) Quais as dificuldades encontradas na implantação do Programa tanto nas escolas como na SSM?
- 2) Quais as expectativas que vocês têm com relação à implantação do Programa na SSM e nas escolas?
- 3) Quais as mudanças que vocês implementariam no Programa visando a disseminação do mesmo?

Entrevista os coordenadores da Sociedade Santos Mártires:

- 1) Quais as dificuldades enfrentadas e as soluções encontradas na implantação do Programa?
- 2) Quais os desafios para o desenvolvimento do Programa?
- 3) Que mudanças vocês identificaram nos educadores?
- 4) Que mudanças vocês identificaram nas crianças e jovens?
- 5) Que mudanças vocês identificaram na instituição?



Entrevista com as diretoras e coordenadoras pedagógicas das escolas:

- 1) Quais as dificuldades enfrentadas e as soluções encontradas na implantação do Programa?
- 2) Quais os desafios para o desenvolvimento do Programa?
- 3) Que mudanças vocês identificaram nos professores? (*conceito de educação, fornecer ao aluno uma filosofia de vida/possibilitar desenvolvimento integral*)
- 4) Que mudanças vocês identificaram nos alunos?
- 5) Que mudanças vocês identificaram na própria escola? (*a escola conseguiu construir uma atmosfera baseada em valores, num ambiente seguro, de cuidado e respeito mútuos – onde os estudantes são considerados capazes de aprender a fazer escolhas sociais conscientes?*)

Entrevista com os educadores da Sociedade Santos Mártires:

- 1) Quais as mudanças observadas nas crianças e nos jovens com o desenvolvimento do Vive? (*ver resultados esperados e sinais de mudança*)
- 2) Quais as mudanças verificadas em vocês a partir da participação no Vive?
- 3) Vocês avaliam que ocorreu alguma mudança na SSM com a implantação do Vive? (*O que vocês acharam da metodologia do Vive? O que ficou dessa metodologia para a instituição?*)

Entrevista com os professores das escolas:

- 1) Quais as mudanças observadas nas crianças e nos jovens com o desenvolvimento do Vive? (*ver resultados esperados*)
- 2) Quais as mudanças verificadas em vocês a partir da participação no Vive? *Como foi para vocês lidar com as questões emocionais trazidas pelos alunos, um dos pressupostos do Vive?*
- 3) Vocês avaliam que ocorreu alguma mudança na escola com a implantação do Vive? (*O que vocês acharam da metodologia do Vive? O que ficou dessa metodologia para a escola?*)

Entrevista com familiares dos alunos das escolas e das crianças e jovens da SSM:

- 1) O que vocês sabem do Programa Vivendo Valores?
- 2) Vocês estão percebendo mudanças em seus filhos em casa, na relação com os irmãos, com vocês? (*ver resultados esperados e sinais de mudança*)
- 3) Vocês estão percebendo mudanças em seus filhos na relação com os vizinhos e com a comunidade?

Entrevista com jovens da SSM (*ver resultados esperados e sinais de mudança*):

- 1) O que vocês acham das atividades do Programa Vive? Quais as que mais se destacaram para vocês?
- 2) Como vocês se sentem ao participar das atividades?
- 3) Vocês sentiram alguma mudança em vocês depois que passaram a participar das atividades do Vive?
- 4) Dos valores trabalhados, qual o valor mais importante para você? Por que?